

O
POETA
E O
PROFETA
JOSÉ LUIZ DA LUZ

Riríeis das esperanças,
Das minhas loucas lembranças,
Que me desmaiam assim?
Ou então, de noite, a medo,
Choraríeis em segredo
Uma lágrima por mim!
(Manuel Antônio Álvares de Azevedo)

O Poeta e o Profeta

Copyright©José Luiz da Luz.

Clube de autores

<http://www.clubedeautores.com.br/>

e-mail do autor: joseluizdaluz@yahoo.com.br

Blog do autor : <http://joseluizdaluzescritor.blogspot.com.br/>

Editor: José Luiz da Luz

Produção gráfica: Clube de Autores

Revisão: do autor

É proibida a reprodução, total ou parcial, do texto e de todo o conteúdo sem autorização. Entre em contato com o autor pelo email.

O Poeta e o Profeta

O

POETA

E O

PROFETA

JOSÉ LUIZ DA LUZ

Agosto 2012

O Poeta e o Profeta

O Poeta e o Profeta

Sumário.

I.	O Poeta e o Profeta em uma praça.....	6
II.	O Poeta.....	19
III.	O Profeta.....	32
IV.	Aparição.....	50
V.	As provas do Profeta.....	61
VI.	Os caminhos	67

O Poeta e o Profeta

I. O Poeta e o Profeta em uma praça

Era fim de tarde. Em uma praça dois confrades, homens eruditos, eram confundidos com poentos andarilhos. Esvaecidos no chão com o cheiro do pó nas roupas, ladeados por cães abandonados, cada um era dono de uma garrafa: Um era o Poeta, e o outro, o Profeta!

— Profeta, o que fazemos? Dormimos na calçada esta noite?

O Profeta, no balanço da vertigem, esfrega as suas pálpebras ardentes com suas mãos sujas e responde:

— Não durmamos, meu caro Poeta... Pensemos! — e curvou-se em silêncio.

A noite se aproximava com seu furor. Era uma chave que abria todas as portas para as cavernas escuras da alma, onde repousavam naufragados os escombros da vida.

— Dói a alma! — respondeu o Poeta melancólico — Desfalecidos neste leito de pedra, pensar em virtudes? Onde estão nossas virtudes? Esta febre que molha de suor a tua face, inebria os teus sentidos, e o que vês, senão imagens do mundo através da tua própria razão? Depois que aprendeste Emanuel Kant com a sua gélida filosofia da razão, saiba que os corações substituíram a razão pelo sentimento, imaginação, experiência e anseio. Eu sei meu caro, que depois de uma queda, sempre se leva muito tempo para recuperação. Ademais, as feridas da alma são mais doridas do que as do corpo.

O Profeta se calou, não só pelo mormaço do álcool, mas porque a culpa se entrelaçava nos seus neurônios. Palmilhou no passado pelas sendas da luz, mas na primeira prova em que a vida lhe mostrou uma encruzilhada, se perdeu, seguiu por aquele caminho que não tinha luz.

O Poeta e o Profeta

— Ceei à farta na mesa da luz — percorreu o Profeta — dos provérbios à filosofia, da contemplação à profecia, da espiritualidade aos dogmas... Um apóstolum, bem ao gosto dos seguidores do Decálogo, vê-se, hoje, ébrio numa calçada. Realmente o oposto de tudo o que há de mais sagrado: um absurdo, mas sou o que sou! Em uma prova do coração eu reprovei, porque o corpo é mais fraco do que o espírito, disto o Grande Mestre já sabia e nos alertou abundantemente.

— Será que a tua incursão pelas sendas do sagrado foi apenas uma fuga? Havia realmente anseio de luz e sabedoria? — o Poeta, vendo-o caído, questionou.

— Certamente havia! Estás insensível com tuas dúvidas.

O Profeta tirou do bolso duas pedras de ametista e começou a bater fortemente uma na outra. Ele as carregava desde os tempos em que andou pelos caminhos da luz; eram um verdadeiro emblema para a sua vida. Parecia querer descarregar nas pancadas toda a ira e melancolia do seu dia.

— Ametistas? — o Poeta estranhou.

— São meus emblemas — e continuou a bater uma na outra.

— És louco? — o Poeta disse com certa ironia — Melhor do que bater a cabeça nas paredes. Por que bate as ametistas?

— É longa a história, mas se um dia houver interesse por tua parte, contarei.

Em vão tentaram dormir naquela praça gelada, embora exaustos da vida. Gelada do relento e também gelada de homens. O presente era amargo, onde reprisava sem cessar na tela das lembranças as culpas do passado.

— Escuta Profeta! Minha vida foi mais dura do que este leite de pedra, mas eu tenho no seio, como em ventre de mãe, um fruto sagrado: minha alma de poeta é o único alimento que me sacia, a água para minha sede nas veredas das agonias.

O Poeta e o Profeta

O Poeta olhou para a lua pálida no céu e se dispersou, extasiada estava a sua alma de poeta.

— Poetas! Ah... poetas!... O mundo dos poetas se confunde com os sonhos e os sonhos são chamados de realidade... — balbuciou o Profeta.

— Se a tua filosofia não reconhece a beleza de um luar, nem os olhos fascinados de uma menina que ama e sonha fitando o céu, então, não vais além de ser um fetichista, um teórico. Onde está a filosofia dos homens, senão na eterna busca da beleza e da verdade? Onde está a espiritualidade dos homens, antes de serem filósofos? Acaso ainda não leste Schiller? Pois ele já sabia que a criação dos poetas é uma capacidade lúdica, e que é somente através dela que o homem se torna totalmente livre.

O Poeta tirou do bolso uma caderneta amarelada e amassada pelas vagas. Amava-a como um evangelho, nela estavam escritos com letras de dor, os sonhos recônditos.

— Lua! Não me negues o teu luar, não mergulhes numa nuvem — falou o Poeta. — Quanto a mim, tenho fé que a poesia não germina das pedras, mas são emanções de nossas almas. Tenho repulsa àquele que colocou uma pedra no caminho da poesia. Há um mundo dentro do peito, que a sua linguagem se transforma em poesia. Os bons poetas, de todas as épocas, para serem verdadeiros, sempre amaram, sonharam e pensaram muito.

O Profeta ergueu seus olhos cheios de ardência pelo clarão da lua, respirou profundamente tentando engolir uma lágrima que galgava na sua garganta:

— Amigo Poeta, devo reconhecer que os poetas são divinos, mas Deus não criou o céu apenas para nosso deleite. Saiba, tenho um passado que não dá um poema, mas dá um drama.

O Poeta e o Profeta

— Mas o verdadeiro poeta tem uma alma sensível para amar a criação. Se eu declamar o poema dos dramas do mundo, certamente ele não é um fascínio insensato. Toda a sensibilidade vem da alma, e minha alma ama o mistério e o belo. Os dramas da vida também podem ser contados num poema. E tu, Profeta, por que deixaste apagar a lâmpada de tua alma?

— A alma precisa de alimentos espirituais — respondeu o Profeta. — Perdoe-me porque a deixei anêmica. Olha! A vida nos mostra muitas possibilidades, veja que estamos diante de três caminhos...

O Profeta mostrou que do lado direito daquela praça, havia uma longa estrada deserta que seguia em direção do sol nascente, do lado esquerdo havia um caminho que seguia em direção do sol poente, à frente havia uma ponte sobre um rio escuro:

— O caminho da direita é o rumo da luz, o da esquerda é o rumo das trevas.

O Poeta apenas olhou para os três caminhos, indeciso em dar o primeiro passo.

— Estou nas sendas inseguras — continuou o Profeta. — Porém, uma réstia de luz ainda insiste em cintilar dentro das nuvens da minha alma. Fala-me do teu poema!

— Meu poema é o drama do mundo inteiro! A história visível do mundo não passa de um conjunto de dramas infundáveis, mas há muitos outros dramas ocultos, invisíveis para o mundo. Desde que o sabor da maçã foi descoberto no Jardim do Édem, jamais a raça humana foi totalmente feliz. Mas se me perguntarem: se não houvesse a mordida, haveria a humanidade? Penso que sim, pois a criação é perfeita, teríamos outras virtudes. Satã fez de uma ilusão a desgraça dos milênios.

— Sinto que és inconformado com o mundo — o Profeta chegou a esta conclusão.

O Poeta e o Profeta

— Meu poema diz as lágrimas! Sinto-me inconformado com tantas usurpações, orgulhos, vaidades, injustiças, roubos, guerras... O mundo é um lodo infecto, há povos inteiros, que muitas vezes são governados por loucos; há campos vastíssimos nos quais as ovelhas são cuidadas por falsos profetas. Meu poema é uma parábola, uma espécie de drama inglês de Shakespeare, onde cada ser humano pode se identificar em algum lugar.

Os dois se calaram: o Poeta receoso em declamar o seu poema sagrado, e o Profeta orgulhoso, relutava em pedir. O paradoxo de orgulho que deseja, fez com que o Profeta não resistisse:

— Sinto que tu amas a tua obra, para ti ela é sagrada, bem o sei. Declama toda a tua visão acerca do mundo, derrama todas as tuas lágrimas, também reconhecerei as minhas.

— Lembro-te que falaste dos três caminhos. Esqueceste de explicar para onde leva a ponte!

O Profeta com as duas pedras de ametista na mão apontou para a ponte:

— Os caminhos são do bem ou do mal, da luz ou das trevas! A ponte é um complexo emblema. Não é exatamente um caminho, mas uma ligação entre caminhos, representa a continuação, a superação; ela tanto pode levar para o bem quanto para o mal; ela também pode ser um perigo, o ponto final. Assim como os caminhos do bem ou do mal exigem uma decisão, a ponte também. Quando atravessamos uma ponte, estamos em terras diferentes, novos ares. Pode ser o ponto final, se alguém se atirar nas águas escuras.

— A vida é uma ponte misteriosa — falou o Poeta — nem mesmo a poesia, nem a filosofia, nem os profetas conseguiram desvendá-la. Na falsa segurança, corre a água cheia de mistérios. Mais tarde pensemos nos caminhos.

O Poeta e o Profeta

— Falas como um filósofo! — o Profeta falou com admiração.

— A verdadeira poesia está esquecida, mas uma coisa devo te dizer: a verdadeira poesia é irmã da filosofia — o Poeta percebeu um secreto desejo do amigo.

O Profeta guardou suas ametistas e olhou para suas mãos vazias, tão vazias, assim como sentia vazia a sua vida. Sentiu necessidade de revelar seus dramas, no entanto, a coragem era fugidia, aguardava antes ouvir o poema do amigo:

— Declama tua obra, sagra teu evangelho, rompa teu selo sagrado que guarda as dores de tua alma, depois eu necessito contar a minha história, mas ela não será um belo poema como os teus.

— Poesia pode existir tanto na alma de uma prostituta como na alma de uma virgem, no seio de um libertino como na alma dos santos. Há jardins sem flores, mas não há flores sem perfume, mesmo que os homens sejam incapazes de reconhecer o perfume de algumas flores, mas a natureza colocou nelas o perfume dos anjos do céu. Eu sou como as flores, uma vida sem poesia é uma taça vazia que pouco vale. A minha obra é longa, porque longos são os dramas no mundo. Minha obra é composta por versos alexandrinos, com doze versos e doze capítulos.

Eis: Dramas que não se findam!

Primeira parte

Havia um Rei altivo e um trono dourado.
Chamava-se Rei Per Se, de olhar apagado.
No seu reino de espadas, flutuavam joias.
Degustou à farta dos veludos e glórias.
Mentiu o trono ser eterno o ouro luzente.
Pensava ser rei à morte, ao corpo jacente.
Curvara ao ver sua Rainha Ara, sem vida!

O Poeta e o Profeta

Lívida, sem trono, sem coroa, pungida!
Complicara o ventre, o filho deixou ao léu.
Deu a luz do mundo, ganhou a luz do céu.
Como o luar sobre o oceano profundo.
Voou para o céu. Ficou o filho no mundo.

Segunda parte

Entre o Rei e àquela madona, havia amor!
Que suspirou na agonia do quarto à dor.
Lembrando-a nos nevoeiros da cerração,
Que fluía das cavernas do coração.
Pobre Rei, tão convulso à espreita disfarçado.
No vácuo do reino, qual um sino curvado.
Fizera-se ebrioso nas torres sombrias.
De gemidos convulsos pelas noites frias.
E o pajem da corte, afeito às noites douradas
Do Rei apiedou-se, em lágrimas assoladas.
Ouvindo seus delírios: — Meu amor, Adeus,
Que vazio o mundo, nos tristes olhos meus.

Terceira parte

Sobre as frias vagas do mar, o pajem viu,
Que ébrio o rei, desmaiado na água submergiu.
Nos braços o tomou, levando ao capelão.
Gemendo acordou, confessou-lhe o coração.
—Vida, eis que é breve!... Morte, eis o que nos destina!
Seremos?! Ser o não ser? Tudo ou nada a sina?
Eternidade ou o ser findará de vez?
Cismava os mistérios da morte em languidez.
O Capelão Sextus pensara que era irmão
Da própria Rainha e usou da posição.
Teceu cilada para tomar-lhe a coroa.

O Poeta e o Profeta

E ao órfão Príncipe herdeiro, deixá-lo à toa.

Quarta parte

O capelão instigou-o, à rainha alçar.
Do cemitério, fria, o seu corpo tomar.
E pô-lo no átrio, num caixão de ouro lustral.
Cingido por uma redoma de cristal.
Fidalgo astuto, à espreita ditou ao arqueiro,
Que havia voz na campa de estranho brejeiro.
O bravo lançou uma flecha velozmente.
E atravessou o peito carnudo e quente.
No clarão do archote, com a aproximação,
Exauriu-se ao reconhecer seu Rei no chão.
Abraçado à rainha lívida sem vida.
E uma flecha no peito, de sangue tingida.

Quinta parte

Sua boca, as últimas ditas, discorreu:
— Finda-se aqui nesta noite, o que Deus me deu.
Sombras da morte já apagam os meus sentidos.
Vidrando os olhos, emudecendo os gemidos.
— Não temo mais a noite, vou em paz voar.
Bravo, guarda o meu filho das vagas do mar.
Arqueiro, em guarda! Acertou o meu coração,
Mescla às lágrimas meu sangue frio no chão.
Desfaleceu, dormiu... à rainha abraçado.
Pela treva da culpa, o bravo arqueiro alçado.
Com a boca convulsiva soltou um grito.
Ao ver uma flecha cravar-se no peito, aflito.

Sexta parte

E o capelão fez covas e aos três enterrou.

O Poeta e o Profeta

Respirando glórias, foi ao paço e gritou.
De coroa real, no trono auto empossado.
E para provar ser um Monarca enviado,
À plebe falou ser apostolum divino.
Pura linhagem de Dom Sanctus peregrino.
Com rotas vozes, vetor dos céus, eloquente.
À alcunha de semideus, um puro demente!
Fez de serviçal da corte o Príncipe herdeiro,
Que na longura do suplício verdadeiro,
Jovem, fugiu a uma ermida. Ser eremita!
Meditar, buscando a sapiência bendita.

Sétima parte

E feito Rei, leu nas letras confidenciais,
fora adotivo mas aceito aos serviços.
E mesmo bastardo, à rudeza que assumia.
Seu sangue ao da rainha nada parecia.
Contudo que tinha jus ao trono aventava.
Dizia-se enviado divino, assim reinava.
Vivia e envelhecia com a cruz e a espada.
No ócio da nobreza vendo a gleba suada.
Teve seis filhos bastardos, todos morreram.
Seis é um número impuro. Outra filha, esconderam.
Pois o Rei e os seis cometeram desiguais.
Todos vis, os sete pecados capitais.

Oitava parte

O rei: soberbo, urdia verbos de desdita,
de ecos nos filhos como blasfema maldita.
O primeiro: glutão, morreu louco do ventre.
O segundo: vaidoso, morreu constringente.
O terceiro: irado, morreu pela agressão.

O Poeta e o Profeta

O quarto: avarento, morreu de inanição.
O quinto: luxurioso, morreu na orgia.
O sexto: preguiçoso, morreu de atrofia.
Macilento sobre o trono, o Rei assombrava.
De rir-se, queimado de febre delirava.
Pois um a um, seus seis arcanos feneceram.
E a filha misteriosa, nos véus esconderam.

Nona parte

Um dia ao reino um estranho pede entrada.
E à frente vem a bravíssima guarda armada.
Era um monge no aspecto, com uma paz no peito.
Se passivo, viço ao campo, seria aceito!
À leiva juntou-se aos pobres trabalhadores.
De face calma, revelou os seus pendores.
Que foi instruído nos provérbios de Salomão,
Nas leis do espírito, evangelho e Platão.
Trazia todo o resumo da esfinge na alma.
De olhar penetrante mas que exalava calma.
Sábio, carismático, a todos cativou.
Viram que era o Príncipe que sábio voltou.

Décima parte

E o sábio Quum, mostrou um abutre em descida,
Esperando a morte de uma cobra ferida.
Mostrou-lhes a lição que sem ser águia astuta,
Com paz e paciência se vence uma luta!
E traçado estava sem sangue a derramar,
Às sendas do sagrado o reino retomar.
Com água, azeite e incenso, emblemas do infinito
E jatos de luz poriam no rei aflito.

O Poeta e o Profeta

O bastardo Rei Sextus, de olhares convulsos,
Que o sangue inimigo fartava seus impulsos.
Era a devassidão que os seios dominavam.
Ao mormaço do vinho, ilusões que voavam.

Décima primeira parte

Uma guerra oculta numa noite ao luar.
À espreita a multidão e o Príncipe a guiar.
De água impregnaram: o pão, o vinho, os celeiros.
De azeite: o castelo e as armas dos arqueiros.
No átrio: sete piras de incenso fumacento.
O vinho enlanguesceu, mofou todo o alimento.
Do azeite, o rei fez-se um Bobo, andava e caía.
Deslizava a flecha, o arqueiro se perdia.
O olor do incenso espalhou qual a aluvião.
Enleava-lhes a alma, a mente e coração.
Macilentos, um a um rogaram clemência.
E o Rei Sextus jogou-se da torre em amência.

Décima segunda parte

E o sábio tornou-se Rei e o reino encantou.
Do mofo dos celeiros, a gleba adubou.
Todo azeite, com cinzas de incenso, extraiu.
No trono perfumado, sentou-se e luziu.
E a dos véus, voltou e adoçou sua razão,
Filha do Rei Sextus atou seu coração.
E o que ela queria? Deixo-vos um mistério!
Se amava ou vingava? Olhar irônico ou sério?
São dramas que não se findam. Sendas doridas.
Amor, ódio, poder, morte, traição, feridas.
Um Príncipe exilado que em sábio se fez.
E um Rei bastardo que da torre se desfez.

O Poeta e o Profeta

— Sensata tua obra, meu caro Poeta! O Príncipe... — o Profeta suspendeu suas palavras, sentiu-se a personificação do Príncipe que fora exilado, galgou pelos caminhos da sapiência e sábio voltou.

— Foste um Príncipe? — o Poeta o interrogou.

— Quem dera fosse uma representação da sabedoria! Fui um príncipe, mas decaí nas investidas da vida. Sou um profeta perdido entre os sofistas e socráticos. Onde está a relação entre aquilo que é eterno e imutável com aquilo que flui? Os sofistas pensavam que o conceito de certo e errado modificava-se nas épocas, costumes, etc.; Sócrates acreditava que as regras ou normas eternas, governavam o agir dos homens. Eu pergunto: o que é a verdade, o que é o certo e o errado? A filosofia humana é incapaz de entender a razão do eterno e imutável. Qual a razão de um príncipe sábio querer reaver a sua coroa? Orgulho, vingança, desejo de justiça ou piedade dos servos que padeciam nas mãos de um tirano?

O Profeta ensimesmado, não conseguiu deixar de transparecer sua melancolia.

— É ótimo que questionas a minha obra — respondeu o Poeta. — Porque não a escrevo levianamente. Compreendeste com a profundidade necessária os dramas que não se findam, mas quem saberá decifrar a razão humana? Quem saberá onde termina a piedade e onde começa o amor próprio? Às vezes somos como o rei bastardo cheio de rudeza, os sete filhos bastardos são as próprias atitudes pecaminosas, todos morreram porque quem vive nas desventuras é um morto na vida. Outras vezes somos piedosos como o pajem; algumas, agimos pelo impulso como o arqueiro e assim os dramas continuam nas nossas vidas. E tu, por que choras?

O Poeta e o Profeta

O Profeta suspirou, lançou seu olhar às vagas das nuvens do céu para dissipar suas mágoas atadas no peito, até que as dores se abrandassem, então ele pode libertar suas palavras

— Porque eu fui uma espécie de príncipe exilado. Ceguei-me quando a primeira serpente me mostrou o sabor da maçã sob os aromas de uma mulher. Minha história eu quero contar, antes, diga quem és dentro da própria obra.

— Eu sou o capítulo oculto — respondeu o Poeta.

— És ator das dores escritas em tua alma no palco do mundo?

— Sim, meu caro. Eu fui um projeto de gênio que fracassou, por isso, fui considerado um bobo da corte. Pela minha fidelidade aos meus sentimentos castos, confundiram-me com um verdadeiro bolo; consideram-me infantil demais, algo não erudito, incapaz de conquistar uma mulher inteligente. A humanidade, muitas vezes, não está preparada para entender os motivos do coração.

— Tua história se confunde com a história de muitos — falou o Profeta. — Eu te escutei, dá-me permissão, porque é minha hora de contar os meus dramas.

— Acalma-te, Profeta, ouviste o meu poema, mas não os meus dramas. Deixa-me derramá-los primeiro!

O Poeta fechou os seus olhos cansados e deu um longo suspiro, depois, exalou lentamente. Queria libertar do seu peito toda a vida aprisionada. Sentiu profundamente as batidas do seu coração sensível, depois começou a falar:

II — O Poeta

Era noite, eu vagava numa praia deserta, iluminada apenas pelo tímido luar e poucas estrelas ofuscadas pelo céu nevoento. Buscava encontrar na solidão, o que faltava no meu coração. Sentia-me um sonâmbulo, mesmo quando molhava meus pés no rebrantar das ondas na areia salgada. Eu tinha improvisado um abrigo com galhos e folhas, um pouco afastado da cidade, era um selvagem guiado pelos instintos, sempre à procura de meu amor. Minha visão perdia-se entre o real e as imagens guardadas na lembrança.

Na penumbra, de repente avistei uma forma de mulher sobre a espuma das vagas, eu não sabia quem ela era, se brincava ou se boiava. Era uma de vestes alvas como a neve, que dançava o balé das águas. Num relance eu pude ver a face dela: uma lívida estátua sem vida! Uma beleza que agonizava. Um beijo caloroso naquela boca gelada, talvez a aquecesse.

— Mulher, sentes frio? Quero aquecer tua alma com o calor do meu beijo! — gritei ao longe.

A mulher não respondia, não nadava, nem fugia. Talvez fingisse estar morta.

— Oh, virgem das águas! Não brinca de morrer, não me assusta assim. Vem viver...

Aquela beleza estava entregue aos comandos das águas, sem vontade própria.

Corri sobre as águas furiosas, soltei um grito de pavor ao reconhecer que se tratava da mulher que eu amava. Estava vestida de noiva, toda impregnada de areia. Pelos seus olhos vidrados, sua face pálida como uma estátua de mármore, seus lábios imóveis, eu temia que já estivesse morta. Mesmo assim, era mais bela do que um anjo. Eu gritava sobre as águas do mar, mas todos os meus ecos se perdiam nas tristes ilhas distantes.

O Poeta e o Profeta

Era a mais bela e terrível visão: “Eu e minha noiva, abraçados no escuro da praia.” Sim! Era meia-noite: a hora dos mistérios, a que sensibiliza os sentidos para as impressões do outro mundo, que faz os túmulos se abrirem acordando os espíritos da noite.

Ouvia-se apenas o furor das ondas, que de tempos em tempos fazia um estrondo, como o de um trovão estremecendo o mar.

Por que boiava na praia? Não importava. No meu peito, a aqueitei do frio. Pelo grande amor que extravasava de minha alma, eu pedia: "Não cerra teu hálito, não fecha teus olhos, não durma." Imóvel e bela nos meus braços, para minha agonia, não esboçava qualquer sussurro, nenhuma reação.

Levei-a ao meu abrigo de seios regelados na noite fria, acariciei os seus cabelos molhados e supliquei novamente:

— Não durma o sono eterno! Vem antes me desposar em loucos sussurros de amor, quero beijar teus lábios quentes, quero sentir em teu seio as batidas do teu coração...

A noite se fez mais escura e tenebrosa. A lua sumira nas nuvens e uma forte chuva veio a gotas pesadas atravessando como um punhal a cobertura frágil do meu abrigo.

Aquela chuva e frio me causaram uma febre. Vencido pela exaustão e amargura, desmaiei ao lado dela. Quando amanheceu achei-me só, a virgem das águas havia desaparecido, contudo, não poderia ser apenas uma alucinação. Por seu corpo lívido nos meus braços, por seus cabelos impregnados de areia batendo no meu rosto, não... Não poderia ser apenas uma alucinação.

Procurei-a por rumos incertos, muito gritei seu nome:

— Grace... Grace... — meus gritos despencavam pelos penhascos, todos os meus ecos se transformavam na sua resposta, eu ouvia seus deliciosos risos. Quanto mais eu seguia o

O Poeta e o Profeta

rumo dos ecos, mais ela se distanciava, os ecos iam cada vez mais longe e eu nunca a encontrava.

— Espera! Não fujas assim.

Algumas vezes eu a ouvia atrás das pedras: ora chorava, ora me chamava, mas sempre que eu corria ao seu encontro, ela era ligeira e desaparecia. Nos sonhos da noite ela me amava, mas durante o dia brincava de desaparecer.

De fome e sede eu delirava, eu apenas comia alguns brotos e frutos da mata, muitos, desconhecidos...

Num dia de grande debilidade, quando o sol estava bem no meio do céu, eu me encontrava no limiar da vida, deitei porque meu corpo inteiro desfalecia. Foi assim que eu ouvi ao longe a voz de um homem a me chamar ansiosamente, esforcei-me para sair do meu abrigo precário.

— Eis que te encontro, Poeta! Há meses sentimos tua falta. Segui muitas pegadas erradas, mas na persistência, depois de muito perguntar por ti, acabei por acaso encontrando as verdadeiras. Vim pedir, volta para tua casa.

Ergui minha cabeça enlanguescida. Minha visão estava ofuscada pela fraqueza, entre as nuvens dos meus olhos eu avistei Virtus, o pai de Grace.

— Virtus! Que bom te ver, diga a ela que não fuja de mim, há tempos venho clamando. Meu coração transborda de amor, dói demais porque está imenso dentro do peito, latejando como uma ferida... Queimam meu corpo e minha alma inquieta. Tenho mais necessidade de Grace, do que tem sede e fome meu corpo... A falta dela está me enlouquecendo.

— Enxuga tuas lágrimas, querido Poeta! Antes de a verdade ser dita sobre tua amada Grace, é preciso que tenhas a face enxuta. Primeiro vamos conversar, é para o teu bem. Acalma-te.

O Poeta e o Profeta

Por muito tempo faminto às vicissitudes do relento, falar custava-me muito, por ora, preferi ouvi-lo:

— É triste te encontrar assim! Eras um homem cuidadoso, vejo-te qual um selvagem primitivo das cavernas: tua barba encobrindo o pescoço impregnada de lama, tua face reluzente do pó e do sol, tuas grandes unhas negras de sujeira, lascadas pelas pedras. Hei de levá-lo daqui.

Dei um longo gemido de dor, pois meu ventre ardia violentamente, não sei se por algum fruto estragado, alguma folha tóxica, água contaminada. Respirei profundamente para recuperar as forças e falei com mais facilidade:

— Exprimes autoridade forte, contudo, tenhas um coração bondoso como o de uma criança! Se tu chamas de lar o mormaço do fogo fraterno, o aperto de laços afetivos, o calor de ombros que se encostam para um dar segurança ao outro, vidas que se fundem pela chama sagrada do amor? Se tu chamas isto de lar, eu nunca o tive, então meu lar é o mundo, meu lugar é qualquer lugar.

— Lava do teu seio as manchas ressentidas. Perdoa sempre — Virtus tentou acalmar meus sentimentos sôfregos.

— Perdoar? Eu até posso um dia perdoar, mas esquecer jamais! Esquecer que meu pai Pusillus e minha mãe Belli insuflaram seus peitos com vaidades e preconceitos? Sei que se Grace luzisse seus olhos altivos com diamantes nos dedos, se roupas de veludo aspergidas de perfume francês os deixassem ébrios, se fosse herdeira dos louros romanos, eles a receberiam num desvario de prazer! Tu sabes, porque disse há tempos, nunca me amaram.

Meus pés pareciam cozidos pela quentura da areia da praia.

— A estrada do inferno é mais fria do que estas areias — falei com certa revolta da vida.

O Poeta e o Profeta

— Por que expelas pela boca tanta melancolia? — Virtus repreendeu.

— Antigamente o diabo era coisa séria, a maioria se apegava numa crença buscando proteção, hoje, muitos são sócios do diabo, quando se estão em jogo interesses mesquinhos. Trocam o cetro de acácia de Jesus, pelo tridente de ouro, ajoelhados frente ao bezerro de ouro.

Virtus também suave, pelo seu olhar vago, eu pressentia que havia uma grande tristeza escondida nas grutas do seu coração.

— Sabe, Poeta, talvez eu nunca saiba o sabor de tua dor, porque somente quem sente é que sabe, mas tento imaginá-la, talvez não seja maior do que a dor de um pai. Conheço bem teu coração, sofres por Grace e porque és órfão de pais vivos.

Aquelas palavras fizeram as lembranças emergirem. Foi como um telescópio apontado para o passado, onde as estrelas longínquas fizeram novamente o coração se agitar: a infância dourada, os tempos do colégio, as aulas da faculdade, a formatura, os projetos para meu futuro... Tudo! Tudo em ruínas! Respondi visivelmente emocionado:

— Fui o herdeiro esperado que deslizou às esperanças. Fui mais um projeto do que um filho, programado para ser um douto e aumentar o capital, depois de saciados da taça das ganâncias, deixariam escolher uma jovem abastada para matrimônio. É claro, uma multiplicação dos capitais. Tornei-me um descrido, um projeto fracassado aos olhos dos meus pais.

O tempo passava e o sol deslizava macio pela abóbada celeste, o calor aos poucos abrandava. Naquela tarde, eu estava disposto a arrebear todos os cadeados das portas do meu coração.

No passado, vivia entediado daquelas palavras meladas e enjoadas de interesses: era assediado por muitas jovens de

O Poeta e o Profeta

palavras macias, olhos lânguidos, mas de alma pesada. Uma úlcera por trás dos sorrisos.

— Virtus, lembra as rosas da Praia da Maré Mansa? Tu estavas pela orla a vendê-las com tua filha! Lembra-te quando eu cheguei? Eu fiquei extasiado quando conheci tua filha.

— Lembro-me bem, tu respiravas emocionado, tímido como um menino. Coração de pai sabe quando uns olhos brilhantes de paixão cruzam com os olhos da filha.

Pedi a Virtus que me deixasse relembrar tudo, pois me faria bem.

Naquele tempo eu fora para a Praia da Maré Mansa com alguns amigos para descansar, pois findara o curso na universidade. O futuro era a incerteza das montanhas ocultas submersas, as cobranças de sucesso vinham dos pais violentamente, eu era o responsável para multiplicar a fortuna da família.

Pela orla, as vagas gemiam, alguns pássaros planavam... Embora tudo representasse a beleza da criação, meu peito estava frio, a única coisa que chamou minha atenção foi, ver ao longe, uma mesinha cheia de rosas e, ao lado, um velho com uma linda moça.

Uma desconhecida força impeliu meus olhos àquela criatura meiga de longos cabelos, olhos brilhantes e pele de veludo... Temi que fosse comprometida com o tal velho. Pensava: “estúpido se for seu par, serve de pai dela”.

— Virtus, lembra quando eu me aproximei daquela mesinha?

— Sim, tu suspiravas como um cão cansado.

Quando me dei conta, estava diante daquela beleza que sorria. Então ela falou:

— São rosas naturais! Queres levar uma dúzia das vermelhas para tua namorada?

O Poeta e o Profeta

Minha alma sussurrava dentro do peito: “Se quiseras ser a única flor, no jardim do meu peito a aromar, votaria minha alma em furor, para tuas pétalas cuidar.”

— Não tenho namorada — dei um sorriso tímido, que pedia desesperadamente aquele coração.

— Então leva as brancas para tua mãe... — ela também sorriu, entendeu a linguagem oculta dos sorrisos.

Pelo que eu entendia de criação divina, eu estava diante da mais bela criação de Deus. Nem as rosas, nem o mar, nem o céu azul do dia ou o céu estrelado da noite, nem os pássaros a planar, nada era mais lindo do que aquela moça que sorria.

— Por certo este senhor lhe dá muitas rosas! — arrisquei perguntar, porque meu coração estava perturbado. Temia que fosse um namorado, um noivo, um marido.

— Este é meu pai, Virtus, ele não pode me dar nenhuma rosa, porque são apenas para ajudar nas despesas de casa — ela entendeu o que eu queria saber.

— Como se chamas? — eu a olhava e sonhava, quase não raciocinava mais de tanta fascinação.

— Grace — a voz dela tinha a mesma harmonia dos cantos dos anjos do céu.

— Grace! Ah, que delícia dizer teu nome, Grace... Grace... Eis o mais lindo de todos os nomes. Eu sou o Poeta.

Todas as tardes passei a encontrá-la. O retorno para casa era adiado a cada dia, o que me custava ouvir irritantes reclamações dos meus pais. Os laços do amor sempre são os mais fortes.

Uma tarde a praia estava morna, vazia, cinzenta, não estavam mais as rosas, nem Grace, nem Virtus. Depois de uma semana meu coração já não suportava mais, a saudade da minha amada ardia como fogo. Depois de tanto procurar pelos

O Poeta e o Profeta

arredores, tanto perguntar, vagar, num lugar próximo a um mangue eu descobri a morada de Grace.

Um casebre extremamente pobre de madeira envelhecida, mas o hábito de limpeza era vistoso: o assoalho de tábuas tinha muitas frestas, mas brilhava pela cera como um espelho; as cortinas eram perfumadas, embora fossem de tecidos velhos; havia vasos nas janelas feitos de pequenas latinhas revestidas de papel colorido.

Virtus me ouvia em silêncio ao lado do meu abrigo improvisado. Eu sabia que ele também voltava ao passado. Eu sabia, porque algumas lágrimas riscavam sua face.

— Lembra, meu velho Virtus, dos meus gritos em frente a tua casa?

Diante da porta fechada, gritei desesperado:

— Grace! Sou eu, o Poeta! O que houve contigo? Perdoame por estar diante da tua morada, sem ti, minha vida é sem sentido.

Virtus sentou ao lado do abrigo e esboçou umas palavras, mas preferiu silenciar, eu percebi que estava tenso. Recordei que ele também estava tenso quando abriu a porta em silêncio.

Entrei envergonhado. Virtus me levou para um quarto, quando olhei para Grace pálida, enferma num leito, foi como se todas as águas de todos os oceanos fossem jogadas com todo o furor em cima do meu corpo.

— Padeces? Oh, meu Deus! Todas as liras dos anjos do céu estão quebradas, no universo inteiro só há silêncio — chorei um choro convulso.

— Te amo — Grace respondeu ofegante, chorando.

Regina, sua mãe, saiu de seu quarto e me levou para a sala e passou a me interrogar:

— Amas a minha filha?

O Poeta e o Profeta

— Mais do que todos os planos do universo! — respondi enxugando meus olhos.

— Primeiro ouça, depois prova! Dezoito anos de agonia, desde a primeira infância, Grace padece de uma enfermidade grave no sangue e no coração. Foram tantas as vezes que das bordas da morte foi tirada, por milagre de Deus e pelas mãos dos médicos. Sua vida é intercalada por dias de paz e de dores, ela jamais poderá ser uma esposa normal: não poderá fazer esforços, nem pegar infecções, gripe forte com febre é perigoso, não poderá muitas coisas... Ela é a mais frágil de todas as rosas! Entraste pela porta da sala, vê que Virtus ainda não a fechou, se achares um fardo demasiado, saia de mansinho, nem se despeça dela para que ela não sofra ainda mais!

O encontro com aquele corpo amolecido fora inesperado, contudo, eu não mentia à sua alma nem à minha dando-lhe beijos. Depois fechei a porta e voltei ao quarto dela, demonstrei pelo meu gesto que minha escolha foi a do coração.

— Entendi tudo! — Regina me falou aos ouvidos.

Fiquei alguns dias na Praia da Maré Mansa, mas a volta para casa era inevitável, logo que pudesse voltaria. Os diálogos com os pais foram dramáticos, atiraram-me as brasas do inferno quando expus o meu amor por uma jovem frágil, que morava num casebre e vendia rosas.

— Investimos em ti para a fartura, deixar-te seduzir por rosas? Fartar uma vendedora de flores de nossos talheres de prata, nossas porcelanas chinesas, pisar em nossos tapetes persas? Além disso, uma doente? Inaceitável! Se teu coração não pode se libertar, então corre para ela, mas tenha certeza que será tirado do teu nome o brasão da nossa potestade, não podemos deixar nosso ouro se esvaír gota a gota, como um perfume em frasco trincado.

Dias de agonia! Meu Deus, não pude suportar. Falei:

O Poeta e o Profeta

— Meu pai Pusillis e minha mãe Belli, tenho piedade de vós. Guardai bem nos cofres a única coisa que tendes de riqueza, porque partirei levando a riqueza que tenho no coração.

Se naquela casa eu ficasse mais alguns dias, talvez morresse numa agonia. Parti com a certeza do amor: “Vou para Grace...”

Tanto dinheiro no cofre, contudo, a miséria corrói suas almas. Vivem planejando meios de aumentar deleites e na receita da vida o drama da morte é esquecido. Todos os títulos, rótulos, honras e glórias, derretem-se no túmulo.

Vivi num quarto aos fundos da casa de Grace e comecei a acompanhá-la nas vendas de rosas.

Eu a admirava: era um anjo com o corpo de uma mulher, tinha o brilho da perfeição eterna.

Passamos dois anos da mais intensa felicidade: brincávamos, sorriamos, sonhávamos. Grace ora melhorava, ora recaía, ora eu me angustiava, mas, aos poucos, eu me acostumara com os riscos e a rotina dos extremos cuidados. O fato mais importante que eu sabia era que fora fiel ao meu coração.

Faltando uma semana para o casamento, Grace curvou sob uma forte gripe. Uma forte chuva e uma violenta ventania arrancou quase todas as telhas da frágil morada. Grace toda molhada, uma febre intensa queimou seu corpo inteiro, em algumas horas caiu em convulsões e fora levada ao hospital.

Mil vozes saíam do abismo do meu peito, todas dizendo maus presságios. As vozes zombavam de mim, levando-me ao desespero. Agoniado fugi sem avisar a ninguém e fiquei na calçada do hospital.

— Grace! Vem comigo... — eu gritava e chorava, cheguei ao estado de histeria porque meu coração pressentia algo de

O Poeta e o Profeta

terrível. O medo de ver findar quem amamos é a mais terrível de todas as dores!

Naquela noite, vi uma estrela cadente descendo, chorando, pingando lágrimas de fogo que se apagavam no vazio. No meio do meu delírio algumas figuras de branco me agarraram, senti que alguém injetou um líquido ardido como fogo no meu braço, aos poucos fui me apagando, me amarraram num dos leitos como um desconhecido qualquer. Nos momentos em que eu acordava, gritava novamente por Grace e outra dose era aplicada. Dormi não sei quantos dias, parecia que foram séculos.

Enfim, quando consegui sair do hospital, ansioso eu voltei para rever Grace. Ao chegar ao casebre, somente vi ruínas, todas as tábuas estavam espalhadas pelo chão de lama. Desde aquele dia eu vago pelas praias procurando a minha amada Grace. Algumas vezes eu a vejo brincar de aparecer, ora de desaparecer, outras vezes ouço-a me chamar, ouço seus sorrisos, seus soluços, mas ela sempre foge de mim.

Num relance olhei para Virtus que parecia imóvel como uma esfinge ao lado do abrigo.

—Virtus, estás quieto como uma estátua. E Grace? Onde ela está? Vieste aqui para se calar? Já relembrei tudo, agora fala!

— Depois daquela ventania o casebre amoleceu, em poucas horas desabou totalmente. Nós pensamos que tu foste embora para casa dos teus pais, pensamos que não suportaste a pobreza, depois ouvimos rumores de que vagavas como um cão abandonado. Mudamos para Cerro Azul, um lugar perto daqui, trabalhamos na lavoura em troca de uma mísera morada e algumas migalhas no bolso.

— E Grace? Peço-te, por favor, diga-me onde ela está?

— E quem saberá? Talvez no brilho das estrelas, nas vagas do mar, no teu coração e na tua alma de Poeta, nos braços de Deus? Quem poderá responder? No hospital ela empalideceu,

O Poeta e o Profeta

delirou de febre. Fechou seus olhos dizendo: Poeta... Poeta, eu te amo, vêm comigo... Amoleceu, apagou-se. No epitáfio está escrito: Aqui jaz uma jovem que verdadeiramente amou e foi amada.

— Não! — atirei minha face na areia, soltei um grito de tristeza, o mais alto que o meu peito conseguiu soltar. — Grace é imortal! Sabes que a amo, não pode morrer nunca. Ela é o único alimento que me sacia, meu ar, minha alma, minha vida. Não... ela é o sentido do meu futuro!

Ardia meu coração de amor e de amargura sem conforto, o mundo inteiro escureceu diante dos meus olhos. O universo inteiro não fazia mais nenhum sentido de existir.

“Morrer... Quando o último suspiro cerra os lábios de quem amamos, o amor embebeda os sentidos e corre uma vida absolutamente sem sentido nas veias, deixando escuras todas as cavernas do coração, então, esgotou-se tudo. O amanhã não poderia mais ser belo. Todos os dias, acordar do sonho e ver desfeita uma felicidade.”

— E agora, Poeta, para onde vais? — Virtus me perguntou.

— A resposta mais correta é: não sei!

— Eu preciso ir embora, sem minha filha Grace a vida é vazia e sem cor. Estás sozinho no mundo, mas se quiseres, podes entrar na minha morada...

A última visão que tive de Virtus foi ele seguindo seu destino, desaparecendo pela areia da praia. Fiquei mais alguns dias naquela praia deserta, procurando um rumo no meio das incertezas.

Para mim, Grace nunca morreu, sempre acho que foi um engano. Vago pelo mundo, sempre com a impressão de que ela está ao meu lado, de que a qualquer momento vou reencontrá-la.

O Poeta e o Profeta

O Profeta ouviu as palavras do amigo naquela praça gelada, colocou as mãos no peito, porque sentia as dores do amigo como se fossem as suas próprias dores. Era uma história de amor tão linda e, ao mesmo tempo, profundamente triste.

— Lamento muito, querido Poeta! Foste fiel ao teu coração como poucos nesta terra. Sabes de uma coisa? Teu coração tem a maior de todas as riquezas. Diga-me, como conheceu o álcool.

— É simples! Quando a dor é intensa e o espírito não está preparado, as trevas são traiçoeiras e mentem um calmante, corre mais o álcool do que o pão.

Depois o Poeta fechou os olhos ardidos, a sonhar com Grace num céu brilhante, cheia de luz e perfume, correndo de braços abertos. Um alvoroço dos cães fez ele se acordar e ele prosseguiu:

— A única riqueza que tenho na vida, é o amor no coração.

— Tenho também meus dramas, deixa-me agora contar? Meu coração queima tanto como as pedras secretas de um vulcão.

O Profeta segurou fortemente as duas pedras de ametista sobre o peito, deu um longo suspiro, como um ritual sagrado, em seguida, começou a narrar os seus dramas.

O Poeta e o Profeta

III — O Profeta

Nasci num mísero casebre nos confins do mundo, mas fui instruído desde a infância na Capital. Tido como um sujeito de lento raciocínio pelos confrades, porém fui aprendiz de espiritualismo e filosofia na casa do senhor Pax, onde fiz as primeiras indagações acerca da fé, da morte e da vida. Um homem iluminado, mas pela avançada idade, pouco aprendi, logo ele partiu para a luz do alto infinito.

Minha mãe? Favete era o seu nome! Uma lenda que soa como um eco que se propaga do passado, e que aos poucos vai se apagando vencido pela distância do tempo.

Desde a sua morte, no instante em que me deu a luz, meu pai Homini delirou, revoltado com Deus e com o diabo, com a luz e com as trevas, mas, principalmente comigo: “Filho herege, sugaste todo o néctar da flor dos meus dias, ganhaste a luz do mundo ao preço da minha amada soltar o seu último suspiro. Hoje sou um ramo vergado, ao peso da dor sem conserto”. Exauria-se em lágrimas como um suarento no deserto. Pobre pai, morreu em seguida enlouquecido, rugindo pelos campos com a acunha de um quadrúpede, carregando sua mala de melancolia.

Fui levado a um orfanato, conheci o calor de braços que trabalhavam, mas nunca braços que me amavam. Só depois me vi em casa de uma família, pelo acalanto da caridade. Conheci uma mãe adotiva amorosa, de cabelos brancos, seus olhos azulados guardavam uma tristeza intrínseca; eu fora o filho de plástico que seu ventre árido não pôde gerar.

A vida era monótona. Aos vinte anos de minha idade, decidi mudar, diante da porta por onde eu havia chegado quando criança, falei àquela que me acolheu:

O Poeta e o Profeta

— Mãe de caridade, não és a minha mãe do ventre, tenho um vazio dentro do peito que nem o conforto do lar, nem a simulação de uma família saciam. Falta algo dentro de minha alma! Preciso procurar, correr o mundo, visitar sábios, ermitões, filósofos, alguém que diga quem sou.

A mãe Cristália em prantos se ajoelhou no chão.

— Filho, perdoe-me porque pequei contra teus anseios. Querias mais que um cálido colo de mãe, eu queria um filho do ventre e foste o filho amado do coração.

— Não chora, levanta deste chão! Já estou saindo, mãezinha! Ponha em minhas mãos as tuas bênçãos, faz-me bons presságios, as palavras do meu peito saem frementes. Veja que volto meus olhares para o céu, assim como um poço que se abre para que entre a luz do sol, mas esconde nas paredes um limbo imundo! Dê-me os últimos afagos.

— Haverá saudade nos dias vazios e nas longas noites. Serão tempos frios como a cratera de um vulcão extinto, mas que guarda sempre o furor do fogo interno na expectativa da erupção. — Cristália abraçou o filho adotivo amado.

— Sei... Andarei em busca de mim mesmo, no caminho sentirei a aridez das pedras que sairão das bocas, terei, talvez, alguma brisa perdida para meu consolo. Ó minha mãe, guarda as puras águas do teu coração em taças de ouro, para quando eu voltar com minha alma equilibrada.

A tarde estava se acabando, a mãe Cristália soltou um brado:

— Se tens de ir embora, anda depressa, meu coração não aguenta mais. Para que tornar a agonia da partida mais longa do que é a própria dor? Em vez de sorver o vinagre em lentos goles, é melhor sorvê-lo rapidamente para não sentir tanto o gosto na língua, é melhor sentir os efeitos somente depois.

O Poeta e o Profeta

Os quilômetros da partida instigaram as lembranças. Aquelas lágrimas na porta, aqueles soluços, a infância e suas mãos nas noites de febre, as tardes no parque. Tudo! Tudo vinha como o perfume de uma flor que fora cortada. Mas eu corria em busca da minha identidade, achar um lugar sagrado, talvez alguém iluminado. Voei, por assim dizer, em busca de mim mesmo.

“Eis-me de peito amargo. Uns olhos frouxos, uma mala mirrada, um peito palpitante, cálido, mas vazio de vida.”

Tirei da mala o livro “O Mundo de Sofia” de Jostein Gaarder, um dos primeiros livros que eu fora instruído a estudar pelo senhor Pax. Eu folhava as páginas, todas já decoradas por tantas leituras. Eram textos decorados, e menos raciocinados.

“Livros... São belos caminhos para um buscador. Silenciosos como uma flor, mas servem variados cálices. Erguem-se véus misteriosos, iluminam-se as cavernas da ignorância!”

O Poeta que ouvia atentamente interrompeu-o:

— Não houve algum momento em que sentiste piedade, lembrando-se das lágrimas de tua mãezinha? E teu pai adotivo, ainda não contaste nada dele.

— Acalma-te! Estás curioso, acaso tens piedade de mim?

— Verdadeiramente? Meu seio está enternecido, não resisto saber das lágrimas de uma mulher quando são verdadeiras!

— Então lhe respondo: tive vontade de voltar, enxugar as lágrimas com o calor de um beijo, mas eu era uma taça de licores enjoados da vida! Um vazio de vinte anos! Quanto ao meu pai adotivo, Hoplias, era um bom sujeito, mas gélido como um defunto, nunca soube se realmente tinha coração...

O Poeta e o Profeta

— Tiveste que buscar muita coragem para não desistir, teu caminho foi árido, pois não tinha mais os recursos para sua vida.

— Quando a insaciedade é um archote no peito, a coragem é consequência. Ao darmos o primeiro passo, o próprio caminho nos dá opções para darmos os demais, mesmo as opções para um precipício. Caro Poeta, deixa-me agora continuar:

A primeira estada foi numa biblioteca antiga. Além do porão esverdeado pela umidade que me foi dado por aposento, algumas migalhas eu ganhava para ajudar na manutenção da casa. Apesar de aquele quarto ser um covil infecto, considerei que encontrei um tesouro, porque emprestava muitos livros.

As noites e a solidão foram um santuário para as minhas investidas mais profundas nos clássicos da filosofia, desde os ingênuos mitos da natureza, passando por Kant, Sócrates, helenismo. Estudei também a codificação Kardecista, o transcendentalismo de Alcione Krishnamurti, o misticismo de Papus, até os estudos apocalípticos, proféticos, e tantos outros.

Minha cabeça cansou depois de centenas de livros e de questionamentos, ideias, por vezes antíteses. Ainda me sentia confuso em busca de respostas: “Será que minha vida e toda a minha busca se resume aos estudos teóricos?”

Abandonei os livros, os filósofos, místicos, espiritualistas, e passei às reminiscências: “Se eu não fosse órfão traumatizado, teria os nomes de meu pai e de minha mãe correndo quentes no meu sangue. Estaria eu insatisfeito da vida, ansioso em busca de saciedade? Onde está o homem e onde está a sabedoria?”

Sempre que eu estudava um filósofo ou uma personalidade, logo suas ideias eram demolidas por meus questionamentos, depois vinha outro, mais outro, e, ora as ideias se dissipavam, ora se confundiam entre mil contradições. Como

O Poeta e o Profeta

eu pensara: eu não estava sendo sábio, nem estava saciando o meu vazio.

Eu precisava de um ensinamento transcendental além dos livros, alguém que me ensinasse na prática os segredos do cofre, onde havia o livro sagrado do “eu”. Um monge, um eremita, um santo... eu não sabia.

Estes iluminados são discretos, outros secretos. Assim como uma embarcação precisa de sinais, como os dos faróis, o senhor Pax havia ensinado que nós também precisamos de sinais. “Os antigos magos para encontrar água no interior da terra, utilizavam-se de um galho bifurcado que captava as forças das fontes nas profundidades. Isto significa que é preciso ser receptivo para conhecer sinais e intuições.”

Quando se tem uma vontade, a vontade é o ramo bifurcado, mas é preciso entender os sinais e intuições.

Na biblioteca, li nas letras de Pappus, que na Índia há pessoas treinadas no manejo das forças hiperfísicas. Um hábil faquir é capaz de fazer uma semente germinar e se tornar planta adulta em poucas horas, aplicando somente a sua própria força vital.

Abandonei meu serviço na biblioteca em busca de algo real em minha vida, uma busca desesperada por sinais de um ser iluminado: ouvia os ventos, fitava o arco-íris, as chuvas, os raios. Ora via sinais em todas as belezas, ora não via em nada! Seguir o quê? Às vagas andei por estradas desertas de almas.

“Sinais! Hei de reconhecê-los pintados no invisível.”

Um dia veio uma chuva com rotos pingos que amassava as flores, abriguei-me embaixo de uma árvore. O dia findou-se rapidamente e a noite trouxe um frio, eu estava exausto, mesmo molhado adormeci. De manhã, quando acordei, vi uma auréola rubra diferente na lua, aquele estranho fenômeno trouxe ânimo para minha alma. “É um sinal!”

O Poeta e o Profeta

Segui o caminho da lua que estava na posição do oriente. Desci por penhascos, andei por relvas e selvas, pedras e espinhos, sempre tendo que usar de muita força de vontade.

Depois de dias de extrema fadiga, meus olhos longos avistaram em uma montanha uma cabana de madeira, enegrecida pela fúria do tempo. Ladeada por ladeiras íngremes e fartamente florida, porém, de difícil acesso. Pensei: “É raro quem ama viver e morrer assim, só uma alma iluminada!” Estava claro que, para desgraça do mundo, não há obra alguma escrita que relate a beleza das flores silvestres das ladeiras de difícil acesso.

Diante da cabana eu imaginava que sairia por aquela porta um velho eremita, de longas barbas alvas, bem à imagem dos profetas, com vestes longas e capuz na cabeça, voz grave, numa mão segurando uma lamparina e na outra um cajado.

— Estou na escuridão do mundo, ajuda-me a encontrar a luz — dei três batidas na porta. Ninguém respondeu, clamei novamente:

— Estou na escuridão do mundo! Mostra-me a luz — mas o silêncio continuou.

Ponderei: “Talvez o silêncio seja a resposta, sou indigno de ser admitido como discípulo da luz!” Clamei pela terceira vez, sabia que aquela seria a minha última chance:

— Estou na escuridão do mundo, na minha própria escuridão. Por favor, eu busco a luz.

Uma voz suave respondeu de dentro da cabana:

— Suplicaste três vezes, porque padece teu corpo físico, mental e espiritual. Buscas a luz? Saiba, querido neófito, que a luz é um atributo do ser. Onde perdeste tua própria luz?

Aquela meiga voz deixou-me estupefato! A porta se abriu e uma singular imagem apareceu, bem oposta a que eu esperava, resplandecia sob o flamejar do sol. Uma senhora idosa, de vestes

O Poeta e o Profeta

coloridas e alegres que lembrava uma cigana, usava muitas joias: um colar de pérolas naturais, anéis de ouro e pedras preciosas.

— Perdoe-me, senhora, pensei que... — não terminei de falar o que tinha pensado, nem precisava, ela era uma eremita! Interrompeu-me com suas sábias palavras:

— Vejo-te bem o exemplo das mariposas: muitas são atraídas pela luz, mas perdem suas asas queimadas ou esfaceladas roçando nas lâmpadas. Repulsões instintivas e emoções reflexas devem ser combatidas por quem busca a luz.

— O que é um neófito? — era uma palavra estranha para mim.

— Tu és um neófito! É uma palavra vem do latim neophitus, seu significado literal é “nova planta”, mas é entendido como novato, principiante, alguém que vaga na escuridão mas que busca a luz.

Minha face se avermelhou pela vergonha, ela sabia do meu preconceito. Eu imaginava que sairia daquela porta uma forte figura masculina, enigmática, assustadora. Um homem que carregasse a personificação da sabedoria com estranhos paramentos, porém eu estava diante de uma senhora idosa, delicada e frágil, embora não transparecesse de forma alguma, um corpo doentio.

— Perdoa-me, minha mestra! És uma verdadeira eremita. Minha alcunha é Profeta, mesmo sendo eu um profano, me chamam assim desde a juventude, por causa do meu gosto pelo espiritualismo e mistério. Como se chama?

— Eremitas, magos, monges, profetas... não passam de rótulos: Eu me chamo Rosicler Dourada, mas, o que é um nome, se o mais importante é a essência do ser?

Rosicler me convidou a entrar. Era uma cabana de madeira envelhecida extremamente simples, havia dois quartos

O Poeta e o Profeta

pequenos, uma cozinha com estranhos utensílios, uma espécie de laboratório, uma biblioteca com uma imensidade de livros, um grande espelho em cima de um altar num canto da sala e, no centro de uma varanda coberta, estava uma bacia com água onde ela tinha visões.

Despejei todo o meu fardo, que acreditava ser um dos mais pesados do mundo. Desde a morte de minha mãe, o desvario e morte do meu pai, o orfanato, a adoção... Depois de horas de clames, olhei para Rosicler, estava tão serena, minha ansiedade não havia tirado a sua paz.

— Acaso não tens pena de mim? — ela apenas sorria. Com certo desconforto, continuei com minhas histórias impulsivas:

— A vida é um mar de dores! Sabes, Rosicler, às vezes, eu gostaria de poder morar numa caverna na lua só para fugir do lodo que é este mundo, regozijar com a beleza da grande colmeia que se chama Universo. Depois de correr os olhos pelas estrelas, olharia para baixo e veria que a menor coisa que existe é o homem. Vês a lua no céu? Pois bem, ela sempre debochou de todos os filósofos da terra, no início, muitas mentes a consideravam uma divindade, vieram séculos e aumentaram as perguntas, ainda não descobriram de onde e como o universo flui. Está aí, o ser humano que viveu milênios sonhando todas as noites com o amor e com os mistérios, mesmo o amor sendo inato nos corações do homem e da mulher, ainda assim, não se conseguiu decifrar um ao outro, nem a si mesmo.

Rosicler deixou que eu falasse tudo, ela sabia o que estava fazendo, era um meio de eu me acalmar. Sem deixar se envolver pela minha carga emotiva, sempre mantinha a sua paz interior, então, respondeu:

— Apascenta tua alma exausta, por tantos pensamentos e ideias confusas. Sabes, Profeta, não há um só mestre, nem

O Poeta e o Profeta

eremita, nem profeta... que não tenha sorvido o terrível cálice das provas até a última gota, na maioria das vezes, provas maiores do que são as tuas. Lembras da prova do calvário? A primeira regra para ser um profeta é a superação e a coragem, a autopiedade é uma espécie de fuga. Cuidado, porque a digestão dos pensamentos e ideias é mais complexa do que a dos alimentos. As ideias causam um sentimento, os pensamentos criam um mundo que pode se chamar de céu ou inferno. Para acalmar tua mente excitada, a meditação é o caminho.

— O que é meditação?

— Queres ser um verdadeiro profeta? Aprende! A meditação é justamente fazer parar por algum tempo os pensamentos barulhentos da mente. Assim nosso órgão oculto perceptivo entra em ação e nos deixa perceber a essência, tanto de nós mesmos como de tudo aquilo que nos cerca, sem a interferência dos sentidos puramente sensoriais, da lógica e da razão. A meditação abre as portas para as faculdades latentes, como o dom da profecia e do êxtase.

Aos grotescos critérios desta selva que se chama mundo, sempre fui um homem forte, mas, diante daquela frágil senhora, era um menino em busca de proteção. Ao mesmo tempo em que ela exalava ternura, era severa nas suas palavras. Eu relutava para não vê-la como uma mãe e sim como uma mestra.

— Há anos eu busco a mim mesmo. Diga-me, por favor, quem sou eu?

— Tenho uma triste resposta.

Aqueles olhos penetrantes pareciam ver o que havia de mais secreto em minha alma. “Eis-me aqui! Um mísero homem curvado diante da sapiência de uma mulher frágil, mas com uma grande autoridade espiritual.” Vendo-me ingênuo como um menino, ela continuou:

O Poeta e o Profeta

— Esta é uma grande questão! Há milênios que o homem pergunta a si mesmo: “quem sou eu?” A resposta, não a encontrarás fora de ti. Não acharás na imagem secreta dos espelhos, nem das águas, nem nas visões dos profetas. Somente tu descobrirás tua própria identidade. Este vazio que tens na alma é o reflexo da inaceitação das provas, é tua falta de coragem para viver. Tudo que queres se resume em ter paz, porém colocaste muitos requisitos para que ela aconteça.

Rosicler sugeriu que eu fizesse um exercício: o exercício da contemplação! A atividade exigia muita atenção, raciocínio e reflexão. Se bem praticado, traria as virtudes necessárias para a paz interior. No topo daquela montanha havia um pequeno arbusto silvestre, lá seria o exercício:

— Subirás sozinho e contemplarás por três dias aquele pequeno arbusto. É mais fácil o dom da profecia manifestar-se na alma de um simples camponês contemplativo das belezas da natureza, do que na alma amarrada de um erudito, carregada de limitações por vaidades, pela sua própria razão, preconceitos e ganâncias. Veja aqueles rudes discípulos de Jesus que comiam com as mãos sujas, foram diamantes brutos lapidados pelo Mestre. Nesta primeira atividade, debes evitar as respostas puramente instintivas e reflexas e procurar pelas respostas sábias e bem refletidas. Terás que descobrir num só arbusto selvagem, milhões de milagres.

Subi a montanha, no alto do mundo. Era final de tarde, agonizavam as últimas nuvens rubras pela luz do sol, logo, seriam vencidas pela noite. Meus olhares se perdiam no horizonte, porque eu sabia que muito além daquela linha divisória entre o céu e da terra, havia uma mãe adotiva que me esperava e uma mãe espiritual que me velava, a linha azul parecia ornada de suas lágrimas. Daí meus medos se dividiram

O Poeta e o Profeta

entre o pequeno arbusto, os últimos raios do sol e o precipício cheio de névoas azuladas.

“Enfim uma atividade de um verdadeiro estudante de profecia! Talvez tenha visões fantásticas, sensações horripilantes ou até um desdobramento para outras dimensões...”

A noite foi sofrida: erma e fria! De manhã, antes do sol nascer, comecei o exercício. O primeiro pensamento que tive foi considerar aquele arbusto muito pequeno, insignificante. Folhas mirradas pelo sol, algumas flores coloridas, porém com apenas uma só fileira de pétalas.

O primeiro dia foi como na aridez dos desertos, o sol estorricava meus pensamentos. Improvisei uma Guthra com uma toalha e um Agal com um lenço, aos moldes da proteção que os árabes usam na cabeça.

O dia passava, ora eu fitava o arbusto, ora relaxava, ora dormia, ora forçava meus olhos para ter visões. Os minutos pareciam horas. Ao findar o primeiro dia, a primeira decepção, não houve nenhum sinal de qualquer fenômeno.

No segundo dia a exaustão assolou minha mente e meu corpo. Tudo era tédio: o relento da noite, a solidão, a melancolia. O sofrimento fez vingar a planta parasita do ceticismo no meu coração. “Estou cansado, prefiro o aconchego de uma rede a um cume de montanha fitando um insignificante arbusto. Daqui de cima vejo que o mundo é monótono.”

No terceiro dia, logo de manhã, voltei, estava exausto. “Uma senhora sonhadora, o que pode haver em arbustos?”

— O que tens profetizado? — Rosicler perguntou tão logo me avistou.

Ao vê-la, foi como se eu tivesse tomado um cálice de um bálsamo de ternura, uma estranha segurança senti.

O Poeta e o Profeta

— Perdão, mestra, passei horas sob o sol e o relento, mas nada vi diferente naquele arbusto. O invisível é sutil demais, não impressionou meus olhos de pedra.

— Estás tão pálido! Te alerto novamente, apascenta tua alma exausta por tantos pensamentos e ideias inférteis.

Provavelmente, muitos buscadores cruzaram os passos daquela eremita, mas eu me sentia o mais indigno de todos. “Sou uma semente perdida no deserto, ameaçada a se estorricar debaixo da aridez da areia.”

Sempre que ouvia seus ensinamentos, sentia um eflúvio purificador que dissipava as nuvens negras. Era mais uma dose de ânimo em minha alma.

Na manhã seguinte, meu corpo e minha mente estavam mais descansados. Pensei que aquele exercício foi um vento que passou, mas Rosicler voltou a falar sobre ele.

— Nada viste além do visível?

— Nada além de um arbusto sonolento, bailando sob as vagas da brisa... nada mais.

— Não debes apenas ver com os olhos do corpo, mas olhar com os olhos da alma para enxergar as marcas do invisível. É preciso reconhecer as ideias ocultas que estão escondidas na matéria. Um só grão de areia, para uma pessoa qualquer, não tem qualquer significado, mas um verdadeiro buscador da luz, reconhece o seu íntimo fundamento, a sua importância espiritual. Sobretudo, reconhece a analogia com o próprio universo.

— Rosicler, estou confuso! Que importância pode ter um grão de areia? Que analogia pode haver entre um insignificante grão de areia e o infinito universo? O macro e o micro se confundem?

— Respondo-te com outra pergunta: existe algo que não pertença ao universo? Analogia, o sabes, é a análise das causas

O Poeta e o Profeta

das semelhanças: o grão de areia é um universo visto por outra acepção, ao mesmo tempo em que é parte integrante do todo universo. O ínfimo faz parte do infinito.

— E quanto ao arbusto, o que eu poderia ver de mágico?

— Ainda tens olhos de pedra — ela respondeu.

Rosicler tinha uns olhos que me penetravam e me cobriam de arrepios. Depois de um longo silêncio, continuou a me instruir:

— Faço-te conhecedor de um segredo espiritual. Nem todos os profetas do passado tiveram visões extraordinárias, antes de buscarem os fenômenos, eles buscaram a luz, o amor, a caridade, a paz interior. A missão de muitos profetas do passado, não foi de revelação, mas de ensinar o caminho do bem, ser um exemplo vivo de virtude. Quanto ao arbusto, deverias contemplar com mansuetude na alma para enxergar os milhões de milagres. O mais sublime é o milagre da vida!

— E além da vida, o que eu poderia ter visto? — eu era ávido por fenômenos.

— Apascenta tua alma e escuta! No repouso da semente sob a leiva, brotou aquela beleza divinal, formaram-se as raízes para a terra, formaram-se os galhos para o céu. Viste as flores, mas não enxergaste a festa de néctar para as abelhas e colibris; não enxergaste que as pétalas mostram o álbum de cores do céu; não sentiste que os perfumes trazem os hálitos dos anjos em preces de amor. Aquele arbusto é uma vida que sustenta muitas vidas: quantas larvas dormem em seus casulos sonhando com suas asas, quantos insetos coleópteros passeiam reluzindo suas cores brilhantes. E as folhas? Ah, as folhas com a perfeição simétrica... O veludo das pétalas são leitos de ternuras, onde brincam e sonham as fadas. Tudo é colorido e belo, tudo é harmonia. Há milhares de fenômenos, milhões de outros

O Poeta e o Profeta

milagres... É preciso que enxergues todas estas coisas, porque os sinais do invisível somente são percebidos pela sensibilidade.

— Eu estava preocupado em ver o invisível, mas ele estava diante dos meus olhos...

— É preciso ter bons olhos para enxergar a manifestação do invisível, através da contemplação do belo. Nunca se esqueça, meu jovem, o mais importante não é ter o dom da vidência ou o dom de produzir prodígios, mas sempre buscar a própria evolução e o amor.

Depois de profundas reflexões e muitos outros exercícios, pude entender: o ser intuitivo enxerga pela intuição, eu era um ser intelectual, buscava ver tudo pela razão e acabava não enxergando nada.

Foi graças à Rosicler que muito exercitei a contemplação e desenvolvi minha sensibilidade. Consegui reconhecer os sinais do invisível nas árvores, nos arbustos, num copo de água, num espelho, num grão de areia... Compreendi que aquele arbusto era tão importante para o universo, quanto a mais complexa galáxia. Há milênios ele fora projetado para existir e, dentre suas tantas utilidades, a de ser justamente o instrumento de que Rosicler se utilizaria para minha evolução espiritual.

— Sabes há quanto tempo estás aqui? — era o momento da refeição matinal, quando comíamos maçãs com mel. A voz de Rosicler soava como um sino misterioso, notei que algo muito sério estava para acontecer...

— Contando com o primeiro dia, hoje é o início da sétima semana.

— Muito bem, chegaste ao final! Sete é um número sagrado, o número da perfeição, do limite, da conclusão. É neste número que se encerra o teu aprendizado!

Era o que eu temia: a hora de partir! Encontrei nos ensinamentos dela a paz almejada, poderia permanecer para

O Poeta e o Profeta

sempre um neófito, mas não deveria vê-la como uma mãe protetora e sim como uma mestra. A autopiedade é uma erva daninha que deve ser cortada.

— Ensinaste muitas virtudes, estranho que ainda não falaste sobre o número sete.

— É assim mesmo, discípulo! O significado do número sagrado sempre é a última lição. O número sete mostra muitas faces do invisível: sete igrejas; sete sinais, sete trombetas, sete pragas, sete cabeças, sete corpos, sete estrelas, sete espíritos de Deus, sete selos, sete trovões, sete Arcanjos do Trono de Deus, sete chagas de Cristo, sete pecados capitais, sete virtudes, sete chakras... Mostra também algumas faces do visível: sete cores do arco-íris, sete dias da semana, sete notas musicais, sete vértebras, sete anos do ciclo da mudança de personalidade... No universo tudo é cíclico, tudo se processa dentro de um ciclo septenário. O número sete representa a totalidade do universo, pois o número quatro é a terra e o número três é o céu; sete também representa a totalidade das virtudes: três são as virtudes teologais (a fé, a esperança e a caridade) e as outras quatro são as virtudes cardeais (a prudência, a temperança, a justiça e a força). Agora sabes da importância do número sete.

As instruções sempre eram maravilhosas, no entanto, a minha partida era algo inaceitável. Certamente havia alguma lei espiritual que a eremita obedecia.

— Rosicler, diga-me, por favor! Onde está a lei que força teu espírito a reconhecer que eu tenho de ir embora?

— Sei que estás triste, mas o mundo espera teus passos. Deus criou o mundo em seis dias e, no sétimo, descansou, esta é a lei. Os seis dias da criação representam o trabalho, a preparação, o sétimo dia, na verdade, não representa o descanso, mas marca a aliança realizada entre Deus e os homens. Tu palmilhaste por seis semanas, porque um neófito impuro não

O Poeta e o Profeta

assimilaria em seis dias toda a intensidade da luz, a sétima semana representa tua aliança com o mundo, terás que pôr em prática tudo que aprendeste.

No dia da partida, Rosicler retirou do seu altar duas pedras brutas de ametista, ergueu-as em direção do sol para consagrá-las, depois, as colocou em minhas mãos.

— Estas pedras medirão teu espírito. A partir de hoje, sempre que puderes, meditas sobre todos os teus atos, relembra tudo que fizeste e pensaste pelos rumos da vida. Para cada ato de luz e bondade que praticares, deves roçar uma pedra na outra, porém, para cada ato de trevas, fraquezas, desventuras, deves bater uma pedra na outra.

Foram para mim totalmente indecifráveis aquelas palavras, como ela sempre explicava os emblemas, esperei suas sábias palavras.

Algum tempo se passou, ela ficou calada: “Talvez o silêncio seja uma prova para mim.” O silêncio se prolongava e eu me angustiava. Mesmo que se tratasse de uma prova, já não suportava, teria que perguntar, ainda que fosse reprovado.

— Perdoa-me, mestra, minha alma se perturbou por não decifrar o emblema da ametista. Por que roçar nas virtudes e bater nos deslizes?

— Este é o único emblema que não te respondo, porque é na própria vida que terás que buscar a resposta. Somente se perdurares em teus esforços é que a encontrarás. Se falhares, não saberás jamais!

Fiquei extremamente assustado. Cismei tanto, pois passei a ser um portador dum emblema sagrado, somente a vida poderia me ajudar a desvendá-lo. Rosicler me deixou sozinho algum tempo para que eu pensasse, depois, retornou:

— Profeta, as provas que passaste na montanha e na ermida apenas indicaram a direção da luz, porém, em tua vida,

O Poeta e o Profeta

as provas continuarão... Estarás preparado para enfrentar as provas da vida?

Esprei a refeição do meio do dia para depois partir. Comemos aveia, mel e algumas frutas.

— Adeus, Rosicler! — aprisionei a lágrima, porque não podia demonstrar minha tristeza para uma eremita.

— Adeus, Profeta — respondeu com serenidade. — Sei que estás triste, eu também, e isto é bom, a vida é uma sucessão de chegadas e partidas.

Era início da tarde, o sol brilhava ligeiramente inclinado para o ocidente. Decidi seguir o caminho do oriente mesmo tendo a noite pela frente, sabia que de manhã eu teria o sol diante de mim, porque o oriente representa a luz.

Naquela praça, o Profeta narrou ao Poeta o seu encontro com a eremita; uma analogia ao Príncipe que se fartou de sabedoria, mas, depois, vieram as terríveis provas da vida que lhe renderam lágrimas.

Era alta noite, só os dois na praça, no relato de seus dramas choraram seus desabafos, encontraram-se por consolo.

O Poeta voltou a desabafar:

— Eis que tu mergulhaste na própria intimidade! É indelicado perguntar se o avaro venceu o próprio orgulho, se o libertino converteu-se ao amor de uma só Julieta, ainda que muitos não acreditem em mudanças...

— Deixa de frases ao vento — irou-se o Profeta. — Que queres saber de mim? Pergunta de uma vez.

— Estranho que não evoluíste, o homem cuja graça foi ter com uma alma sábia, que lhe ensinou muitos segredos, depois saiu para a vida e caiu. Talvez foste jovem demais, amou e creu, depois desesperou e descreu, chorou as perdas e doenças, viveu de uma teoria não aplicada — o Poeta estava descrente que ele tivesse adquirido qualquer virtude.

O Poeta e o Profeta

— Agora falas como um cético — o Profeta estava profundamente decepcionado.

— Perdoa-me! Vejo que não aprendeste nada — respondeu o Poeta. — A dor muitas vezes deixa o coração insensível. Conta-me, colheste alguns frutos em tua passagem com a eremita?

— Sim! Colhi muitos. Depois vieram as visões do invisível.

O Poeta padecia muito pela falta de sua amada Grace, queria encontrá-la no outro mundo, cismava se realmente as visões dos profetas eram dons sagrados:

— Pois bem, fala o que viste pelas frestas do invisível.

— Queres? Mesmo de um profeta que decaiu, queres assim mesmo?

— Sim! Conta-me tuas visões.

— Prepara tua alma, porque saberás agora de uma terrível visão: a visão dos séculos!

Depois de tanto bater uma pedra na outra, chegou um momento em que o Profeta roçou as duas pedras de ametista, depois falou:

VI. Aparição

Um anjo branco volitou sobre a minha cabeça, tão brilhante que ofuscava os meus olhos. Não tocava nenhuma lira, nem entoava cânticos sagrados, era tão silencioso como as noites no deserto. Sentou-se numa pedra de jaspe vermelho e ficou de costas para mim, a poucos metros da minha frente. Olhava para doze estrelas no céu do oriente.

Era numa estrada de acácias, eu voltava de um templo sagrado onde meditava sobre o significado de um sonho que tivera na noite anterior. Eis meu sonho: Eu havia passado por frente de sete casas, seis eram impuras, só a sétima era pura. Quando passei pela primeira casa, avistei pela porta aberta que havia um altar de pedras sujas de barro; na segunda havia uma mesa negra consagrada à morte; na terceira havia homens jogando areia num pergaminho enrolado; na quarta havia quadros de Sodoma e Gomorra; na quinta havia um vaso de ouro com flores murchas; na sexta havia uma serpente enrolada numa rosa vermelha; na sétima não havia nada, a não ser uma fresta no telhado, de onde se podia ver a abóbada celeste.

— Que fazeis, anjo, nesta estrada de acácias? Dizei-me!
— minha voz demorou a sair, por muito assustado que fiquei com a aparição miraculosa.

O anjo branco voltou-se para mim e me surpreendi, porque ele estava chorando. Preparei-me para ouvir sua voz estremecer como o soar das trombetas do apocalipse, mas ele nada dizia.

Era de noite, mas eu o via claramente, porquanto a luz vinha de dentro dele, era uma luz branca que iluminava o meu rosto, a estrada e as acácias.

O Poeta e o Profeta

— Um anjo que chora! O que um pobre mortal pode fazer por vós?

Tive medo, porque ele mostrou sua face vermelha. Eram lágrimas de sangue. Ele deixou cair um pingo na terra poenta e rapidamente cresceu uma figueira cheia de viço, que contei com sete frutos: seis estavam murchos e o sétimo ainda estava verde. Achei que ele só falava por sinais.

Tentei fugir, mas as minhas pernas não me obedeciam, então, caí por terra!

“Não temeis, choro pela humanidade!” — algo estranho acontecia comigo, porque a voz surgia dentro da minha cabeça, eu não via a boca dele se mexer.

“Será o demônio disfarçado em anjo?” — angustiei-me com aquela terrível hipótese.

“Quem é das trevas não tem luz nem calor, sabeis que os demônios são escuros e gelados.” Outra vez uma voz dentro da minha cabeça. Percebi que ele penetrava nos ossos do meu crânio e que podíamos conversar só por pensamento.

“Por que apareceis para mim, quando há tantos sábios, filósofos, mas foi logo a um pecador?” — perguntei por pensamento.

“Porque sois o Profeta, vós tendes olhos de ver e ouvidos de ouvir. Deveis retornar a este mesmo lugar a partir de amanhã, comerás um figo a cada dia, porém, o verde por último.” — Depois ele sumiu.

Eu tinha tantas perguntas a fazer àquele ser brilhante! “Um anjo branco aparecer, só para plantar uma figueira para eu comer figos? Nem disse se voltaria. Afinal, anjo também pode falar por sinais.”

Eu dormia ora nas cavernas, ora debaixo de uma árvore, ora em alguma cabana abandonada.

O Poeta e o Profeta

De acordo com a orientação, na noite seguinte voltei ao local da aparição, tremia com medo do desconhecido. “E agora, qual figo como primeiro: o que está em cima ou o que está embaixo?” Por simples questão de ordem, decidi começar de baixo para cima, já que o figo verde estava no galho mais alto.

O primeiro figo era tão amargo que me causou uma grande vertigem, como na angústia de um veneno, depois minha vista se escureceu. Logo senti que estava sendo levantado violentamente para o alto, como se fosse dentro de uma densa nuvem. A única coisa que eu via, era uma espécie de tela na minha frente, mas as cenas não eram simples projeções, porque eu me via inserido nos acontecimentos, podia sentir dor, odores, calor, frio, ventos. Via e sentia tudo!

Uma voz que estremecia dentro da minha cabeça, sem eu saber de quem era e de onde vinha, narrava todas as cenas que passavam:

“Este figo corresponde à primeira casa do vosso sonho: o altar de pedras sujas de barro é o símbolo da ignorância humana. Neste altar brotam todos os sofrimentos. Vistes que a figueira nasceu de uma lágrima de sangue, cada figo guarda o sabor de uma das tristezas do anjo branco. A cada figo que comeis, tereis as mesmas sensações dele. Vedes agora? Sonhastes com as tristezas do anjo branco.”

E na tela estava a multidão que zombou de Cristo: “Crucifiquem-no, crucifiquem-no, salva a ti mesmo!”; depois, em várias épocas e lugares, gritavam escravos morrendo sobre o próprio sangue e os carrascos em frenesi ao estalar dos açoites; na sequência, outros humanos disputavam pães com animais nos lixões, diante deles o desdém da potestade; vi Jesus Cristo materializado de deficiente, pobre, doente, negro, andarilho, cigano, índio, branco, pardo e velho nos arredores dos templos, não sendo reconhecido pelos falsos seguidores!

O Poeta e o Profeta

Quando retornei ao chão, chorava muito, aquela visão fora forte demais.

Na segunda noite, o figo era tão doce que excitou os meus desejos num delírio de prazer, mas, transformou-se em sal, causando náuseas e vômitos. A voz narrou:

“Este figo revela a segunda casa: a mesa traz uma antítese, tanto simboliza o sagrado como o profano. O sagrado é a mesa da luz branca, da oração, da alimentação, das oferendas; a mesa do profano é a mesa negra das trevas dedicada à morte, é a mesa dos jogos, dos vícios, da usurpação, da engenharia de guerra, da morte.”

Os episódios eram homens e mulheres lascivos nas bordas das mesas, proferindo verborragias sob o efeito do álcool, entorpecentes e pelo delírio astral; de súbito, avistei uma mesa, com uma toalha negra toda bordada com emblemas de morte com fios de ouro e, homens planejando guerras de domínio, brindavam as vitórias sobre os mais fracos; senti o cheiro de pólvora explodindo sonhos; numa outra mesa, contei seis gravatas manchadas de sangue, lágrimas e suores das pessoas exploradas.

Quando acabou aquela visão, sentia no peito uma insuportável tristeza por ver tantos sonhos alquebrados, passei o restante da noite insone.

Na terceira noite eu estava mais tenso do que nas anteriores, roçou no peito a vontade de fugir, tive que ser forte para prosseguir. Quando comi o terceiro figo, a princípio, não tinha gosto algum, mas lentamente transformou-se em terra adstringente, formando um lodo vermelho como sangue. Ouvi novamente a voz:

“Sabereis da terceira casa: O pergaminho enrolado significa o que está oculto, os mistérios da espiritualidade, o sagrado. Somente é desenrolado se for preciso revelar um

O Poeta e o Profeta

mistério a alguém escolhido pelas forças brancas. Quando é jogado areia num pergaminho, significa o desrespeito, a profanação do sagrado.”

Eu fitei a tela e vi pessoas verbômanas, bem trajadas, que jogavam areia no pergaminho para escondê-lo, para depois poderem mentir para a humanidade coisas que não estavam escritas. Assim, manipulavam vidas e mentes; forjavam milagres; vendiam suas próprias palavras, dizendo serem as letras do pergaminho; contavam seus lucros obtidos usando o nome de Deus. Após algum tempo ouvi um homem que plagiava palavras de amor, no púlpito a sua trêmula oratória simulava amor, contudo, no seu coração, estava escrito orgulho e vaidade. Vi que tiraram Jesus da natividade e da paixão e colocaram mitos em seu lugar, esqueceram do sagrado para festejar o comércio.

Ao retornar, estava enlanguescido por tantas blasfêmias e suplicava ao anjo branco que afastasse aquele cálice dos meus olhos, mas não havia nenhum sinal. Decidi abandonar tudo, não mais voltar à figueira, deixar de lado visões, figos e anjos.

Cobriu-se o céu do ermo da noite, eu me cobri num leito feito por folhas debaixo de uma árvore querendo logo adormecer, imediatamente veio uma violenta ventania que assolou a minha fuga, amedrontou pelos clarões dos raios. “É um sinal, não é permitido fugir!”

Desperto naquela torrente de medo, aos poucos me revesti de coragem e voltei ao local da aparição, então, comi o quarto figo. Parecia ter concentrado nele toda a podridão do mundo. O sabor nauseante trespassou minha alma. Logo, a voz amedrontadora começou a narrar:

“Eis a revelação da quarta casa: Sodoma e Gomorra representam a degradação do sexo, a animalização dos sentidos, o instinto dominando a razão, a carne sufocando o espírito.”

O Poeta e o Profeta

Por alguns momentos, eu pude saber dos pensamentos dos seres humanos, muitos se mostravam pudicos, mas, no sonho da noite, seus espíritos se deleitavam nos umbrais da devassidão. Na sequência, fui transportado para lugares lodosos, onde choravam pessoas infectadas sob as enfermidades dos vícios; avistei os pedófilos rugindo e farejando o perfume da flor inocente; às vagas, vi o sexo desregrado, sem gênero, sem alma, sem idade, sem honestidade, sem identidade, sem vergonha, sem amor, violento.

Prostrei-me ao chão e cobri meus olhos com as mãos! Não queria ver nada mais. “Olhai, há mais ainda!” Ordenava a voz com severidade.

Ergui meus olhos fugidios e as cenas eram tétricas: humanos como animais e animais como humanos. Não se conhecia onde terminava o humano e onde começava o animal.

De repente tudo sumiu, porque eu não suportava mais. Ao despertar, estava na estrada de acácias, pensei: “Morrerei, levei minh’alma sedenta e cansada convosco, anjo amigo.”

Na quinta noite, senti no quinto figo um forte odor de excrementos, o odor infecto causou-me enjoo. Houve uma repulsa em comer, porém, impossibilitado de fugir, comi quase sem mastigar, numa tentativa de não sentir o sabor, mas aquele asco infectou minhas vísceras e minha alma.

“Revelarei sobre a quinta casa: O vaso de ouro é a mãe Gaia: a Terra pura e perfeita como Deus criou. As flores murchas significam a natureza sendo agredida, desrespeitada, destruída pela humanidade.”

Logo eu senti meus pés molhados, olhei para baixo e me vi num rio de excrementos. Estarreci, vendo excrementos em todas as águas naturais do planeta; depois vaguei pelos desertos que um dia foram selvas; vi todas as matas que eram selvas e se fizeram quase vazias, onde, outrora, havia muitos animais; na

O Poeta e o Profeta

sequência vieram as montanhas de lixo às bordas das cidades, formando covis de doenças; chuvas ácidas; prantos sobre a lama das enchentes e deslizamentos; sangue debaixo dos escombros dos terremotos; ouvi clames pelos cânceres, úlceras, alguns sufocados pelas fuligens no ar; nas regiões do norte do planeta, as nevascas; plantações estorricadas pelo sol. Do lado esquerdo, reconheci alguns cegos que enriqueciam vendendo guarda-sóis feitos de peneiras, para proteger dos efeitos nocivos do buraco de ozônio.

“Meu Deus, o que estamos fazendo com a vossa criação?”

Enfim, chegara o último figo murcho, alegrei-me porque o fim daqueles martírios abeirava. Havia ainda outro figo pela frente, mas, diferentemente dos seis primeiros, o sétimo ainda estava verde e, por isso, eu tinha esperança de que não fosse ruim.

A sexta noite veio carregada de uma misteriosa euforia, porque era o último figo murcho. Apesar de apreensivo com os efeitos, comi com a alegre sensação de ter cumprido uma difícil missão. O sexto figo murcho, desde o início, era ardido como uma pimenta, senti meu corpo inteiro a arder e uma febre quase me fez desmaiar.

“Guardai vossas forças para o sétimo e derradeiro figo, por ora, desvendarei a sexta casa: A serpente é um símbolo universal, um complexo emblema tanto do bem quanto do mal, da luz ou das trevas; do positivo ou negativo; a rosa vermelha significa a paixão na sua máxima expressão, o sangue, o espírito, o âmago, a busca da Luz. Uma serpente enrolada numa rosa vermelha, sempre significará a milenar luta das trevas contra as forças do bem.”

A tela se transformou numa imensa nuvem negra e mostrou que grande parte da humanidade estava mergulhada nas trevas e na loucura. Seguiu-se uma visão avernal do demônio no seio da humanidade. Era algo indefinido, porque ele assumia a

O Poeta e o Profeta

forma que a imaginação o plasmava. Ora eu o via uma serpente, ora um fluido, ora um homem, ora uma mulher, ora uma nuvem. Residia nas mentes, adulterava as almas, desviava rotas, fabricava pesadelos, rugia verbos de desdita. Não tinha identidade, identificava-se com as fraquezas da humanidade. Ouvi sua voz a bradar:

“Fui a serpente do paraíso que incitou a fome do fruto proibido, fui as três tentações de Jesus Cristo no deserto. Sou o berço dos pecados, o inverso da luz, a loucura astral, o avesso da glória...”

Voltei daquela visão extremamente impressionado. Em meu leito, o findar daquela noite foi de pesadelos, a lembrança da velha serpente levou-me a um desvario pela febre que insistia em me castigar.

No último dia a tarde trazia certa alacridade, as últimas nuvens rubras do sol agonizavam vencidas pela noite. A alegria insensata sumiu, quando a noite trouxe a lembrança de que o último figo era um mistério!

O caminho da figueira foi uma Via Crucis. Ao chegar, fiquei estupefato, porque o sétimo figo não estava mais verde e sim maduro.

“Um sinal? O que quer dizer?” Quando arranquei o derradeiro fruto, ouvi algo como uma grande explosão que me jogou no pó. Ao abrir meus olhos, vi que era o anjo branco que voltou, sua voz ecoava em meu crânio:

“Superastes bem os figos murchos, meu bom discípulo! Para o sétimo figo é mister que eu vos sustente com minhas virtudes, para que não sucumbas. Seis é o número da imperfeição; sete é o número perfeição.”

Em seguida o anjo branco partiu o figo, retirou todas as sementes e guardou numa pequena caixinha de ouro branco,

O Poeta e o Profeta

deu-me apenas a décima parte da polpa para comer, porque de todos os figos, ele era o mais importante.

O sabor era agradável, o de um figo comum, porém, levou-me a um estado de profunda reflexão. Revivi toda a minha vida: reencontrei-me com todos os meus pecados mais recônditos, todas as minhas dores, meus clames, as mais secretas lágrimas, os sonhos... Senti a mais severa de todas as dores, a dor da alma, aquela provocada pela própria consciência, pelo arrependimento, pela incrível necessidade de pedir perdão. Curvei-me ao chão, minha face tocou no pó e chorei convulsivamente. “Perdão Senhor, pelo tanto que tenho pecado.”

Ao olhar para o alto, abriu-se no céu uma pequena fresta circular, como se fosse a abóbada rasgada pelo anjo branco e pude ter outras visões. Identifiquei a voz do anjo que ecoava em minha cabeça.

“O figo maduro é o mais delicado de todos porque mostra o caminho da Luz. Porém, antes é preciso palmilhar pelas sendas da consciência dos erros, da verdade, do arrependimento, do pedido do perdão. O sétimo figo estava verde porque significava que ainda não era o tempo da colheita, mas, quando está maduro, significa que é chegada a hora de a humanidade começar a colher os seus próprios frutos plantados. Assim como não se come todos os frutos de uma árvore de uma só vez, os homens comerão, um a um, até o último. Agora direi sobre a sétima casa: é a casa sagrada, a fresta no telhado que possibilita a visão da abóbada celeste, significa a vidência dada aos escolhidos. Agora olhai pela fresta, pois conhecereis uma parte do futuro.”

Pela fresta, reconheci o anjo branco saindo pelo mundo a voitar e plantar as sementes do sétimo figo por toda a terra. As figueiras se multiplicaram como pragas, os figos misturaram-se

O Poeta e o Profeta

em todas as coisas, vi a humanidade obrigada a comê-los, a sentir todos os seus efeitos — “a cada um a sua parte”. A alguns cabiam poucos, a outros tantos cabiam mais.

Vi uma grande porção de figos que cabiam a mim, pelos meus pecados cometidos e pelos que ainda irei cometer. A quantidade não era pouca.

Quando abaixei a cabeça, a fresta no céu se fechou, mas antes que o anjo branco retornasse para as alturas, colocou em minhas mãos o restante da polpa do figo para que eu terminasse de comer aquela pequena parte que também me cabia.

O Poeta ficou assustado com as visões extraordinárias do Profeta, tremente falou:

— Minhas dores nesta praça correspondem a uma parte dos figos que tenho que comer.

— Parte dos meus figos também — concordou o vidente.

O Profeta havia desejado tanto o dom das visões, sondou tanto as fendas do infinito, mas sua alma estava perturbada:

“Meu Deus! Fizeste de um homem rude, um verdadeiro profeta, abriste meus olhos, mas eu não correspondi aos teus desígnios.”

Por volta das quatro horas da manhã, a névoa de inverno encobria os telhados. Todas as lâmpadas de todos os quartos estavam apagadas. Quem saberá quantos corpos lascivos de ingênuas meninas se arrepiam e sonham enrolados em lençóis, quantas amantes ferventes suados, que se escondem por trás de uma janela cerrada. No relento, porém, só vagavam o Poeta, o Profeta e alguns cães vagabundos.

O Poeta silenciou muito tempo, sua mente fervia em pensamentos sobre o que ouviu:

— Profeta, se tua mente estava excitada, louca por fenômenos, poderia tudo ter sido apenas alucinações?

O Poeta e o Profeta

— Olha para ti mesmo! Acaso foste um lunático quando viste Grace, quando ouviste os sorrisos dela nos teus ecos e as vozes atrás das pedras? Sabes que também não foram alucinações, mas foram sinais do invisível. Grace estava ao seu lado invisivelmente. Deverias saber que não tive alucinações.

— És convincente. Só não entendo uma coisa, se tiveste visões dignas dos grandes ascensos, como deslizaste no pecado?

— Muitos deslizaram depois de alcançarem as alturas. Na própria história de Israel, foram muitas as murmurações dos profetas, muitos os que desanimaram, muitas ingratidões e infidelidades. Não só no caminho para Canaã, mas também no período dos Juízes e Reis. Moisés muitas vezes deslizou e se reergueu.

O Poeta pensava que depois de Ascenso, jamais haveria riscos de queda. Cheio de dúvidas, pergunta ao amigo:

— Fala! Em que deslizaste?

O Profeta pegou as duas pedras de ametista, bateu algumas vezes uma na outra e contou a parte negra de sua caminhada:

O Poeta e o Profeta

V. As provas do Profeta

Depois da estada na ermida, saí pelo mundo pensando em espalhar as virtudes aprendidas com a alma cheia de viço... um desejo de consertar o mundo.

Mesmo impressionado com as visões do invisível, pude assombrar-me ainda mais com as visões do nosso próprio mundo visível: vi uma selva povoada de seres sem amor.

Ao descobrir os rumos inebriantes do mundo, aquela vida casta de profeta não mais me saciava, descobri novas sedes. As andanças descortinaram meus olhos, enxerguei meu próprio mundo visível que eu não conhecia. Passei a almejar um amor diferente: um amor de mulher.

Estava prestes a seguir por um caminho totalmente estranho, o caminho do coração. Os caminhos da luz e do coração não são caminhos opostos, um é o complemento do outro, mas o caminho do coração é o mais delicado. Muitos deslizaram neste caminho.

Teria que conciliar o amor espiritual com o amor carnal, o sublime com o temporal. Mudei da vida contemplativa dos lugares ermos, para as grandes cidades em busca de sinais. Qualquer marquise era um abrigo, qualquer calçada um leito. Vaguei sem rumo como um barco sem leme, até que um dia resolvi parar numa cidade estranha.

Era perto da meia-noite, deparei-me com um covil de vícios. Homens insaciáveis caçavam suas presas para os devaneios da carne, mulheres-objeto expostas à venda como em uma vitrine. Todos dignos de piedade. A cada passo eu sentia o cheiro da devassidão: o mundo de Sodoma e Gomorra.

Numa dessas noites de caça e caçador, percebi entre as névoas de fumaça dos cigarros uma linda jovem com roupas

O Poeta e o Profeta

sensuais. Estava prostrada ao chão com as mãos cobrindo a face, à espreita eu a observava do outro lado da rua: ora ela chorava, ora andava, ora simulava sorrisos, ora tentava alguma aventura... eu pressentia que era uma jovem profundamente triste.

Próximo ao clarear do dia, foram-se todas as meretrizes e homens, estranhamente, a desconhecida que chorava ficou.

Eu me aproximei de mansinho, via nela um sofrimento insuportável.

— Estás lúcido como um monge! — exclamou ao me ver.
— Quem és tu, um devasso ou um anjo?

Ela pegou sua garrafa e me ofereceu, recusei pegá-la. Ela tinha uma incrível habilidade em convencer, por isso eu descobri que depois do álcool, a lucidez fica enevoada e não se sabe mais onde termina a verdade e onde começa a imaginação. Após beber, lembrei-me das pedras de ametista, imediatamente bati uma na outra com muita violência, esvoaçando pedacinhos.

— Por que estás nesta vida? — perguntei com muita piedade.

— Eu me chamo Limia, sou filha de prostituta e não conheço outro mundo. Vim ao mundo como os cães abandonados, numa calçada qualquer. Meu pai pode ser qualquer um, pois foram tantos que compraram o suor da lascívia de minha mãe... Meu belo corpo deixou a inocência muito cedo, sou predestinada a ser uma coisa. Nasci na rua, nunca tive berço, nunca tive pai, nunca tive família.

Fiquei profundamente comovido, meu coração amoleceu, era uma jovem que irradiava beleza, seus longos cabelos dançavam no meu rosto.

— Meu coração bate por ti! Sei que o licor no teu cálice parece ser doce, mas é amargo como o cuspe do diabo. Sai desta vida! Nua e bela a veem, um objeto de desejos! És uma filha querida de Deus que se transformou num vaso de miasmas.

O Poeta e o Profeta

Todas as noites a via naquele sofrimento, eu também sofria. As noites vinham famintas, devoravam mentes, anesthesiavam a razão e aguçavam os instintos. Vinham muitos homens iguais a animais, trazendo um mel envenenado na boca e páginas em branco, dispostos a escrever longos capítulos com letras de lascívia. Tentei convencê-la novamente:

— Estes homens são parasitas das papilas da tua flor, a única coisa que querem é sugar teu mel, são serpentes infernais que devaneiam na devassidão.

Ela chorava, porque no fundo a sua alma desejava um amor verdadeiro, um lar.

— Queria que aparecesse alguém piedoso, mesmo que não me amasse de verdade, mas que ao menos me acolhesse como uma empregada, que ajudasse a sair deste mundo. Por isso estas lágrimas orvalham a minha face de devassa. Se eu não for merecedora de um amor verdadeiro, prefiro ir para o outro lado desta vida.

Eu estava cada vez mais fascinado, mas, no recôndito do meu peito, ecoava um certo preconceito: “um buscador da luz se apaixonar por uma devassa?” Fiquei horas em silêncio, minha cabeça ardia em febre por tanta indecisão, mais tarde Limia voltou a falar comigo:

— Eu desejava um homem decidido, mas o que me aparece é um profeta virgem! Acaso tentas alguma aventura e não tens coragem de falar? Acaso és um anjo que escorregou do céu para este inferno?

— Querida, eu trago na alma uma chama de luz, mas não vens com teus mimos, porque tenho sangue de homem. É certo que me preparei numa ermida sagrada, mas as provas deste mundo são as mais terríveis. Muitos anjos verdadeiros caíram nas armadilhas sensoriais.

O Poeta e o Profeta

Eu cismava aos delírios daquele perfume, daqueles cabelos de mulher no meu seio. Minha alma se perturbara: “eu pensava ser um apóstolun preparado para vencer todas as provas sensoriais, mas sinto dificuldade em segurar as torrentes dos desejos.”

Foram dias de suplício, profundas reflexões, até que tomei minha decisão:

— Algo estranho faz ferver meu peito e o coração se agitar, quero fazer de ti a minha mulher.

— Tu vives sem teto! Iremos para onde, senão continuarmos nas ruas como um casal de cães?

— Tenho uma mãe adotiva que me ama, espera e chora por mim, viveremos em seu aconchego até que possamos trabalhar.

Estávamos tão longe, a jornada de volta foi demorada e cansativa. Pedimos muita carona, ora andávamos...

Quando avistei aquela casa acolhedora, foi doce pensar que as mãos de minha mãe adotiva poriam em mim novamente as suas bênçãos. As flores pálidas do meu coração novamente se abriam.

Bati naquela porta, só havia um silêncio monótono de uma vida nos sertões. Gritei, ansioso em rever minha adorada mãezinha.

— Mãezinha Cristália! Sou o teu Profeta, voltei, cobre minha alma com tuas bênçãos.

A porta se abriu lentamente, apareceu aquela figura sisuda do pai adotivo Hoplias.

— És tu Profeta?! Eis que voltas, depois de tantas dores de tua mãezinha.

— Palmilhei pelas sendas da luz, depois pelas sendas do mundo, mas volto cheio de saudade.

O Poeta e o Profeta

— Minha amada Cristália mudou-se — Hoplias respondeu erguendo suas sobranceiras grossas, depois correu seus olhos em direção de Limia e perguntou. — Quem é esta mulher?

Contei tudo, minha saída, a eremita, a visão do anjo branco e, por fim, sobre Limia. Depois de me ouvir, ele esbravejou:

— Quanto tu partiste, quebraste o vaso que guardava o sabor da vida de Cristália. Ela chorava noite e dia até que entrou em depressão, passava os dias orando por ti para que nada te acontecesse. Foste um filho ingrato, nem uma carta para amenizar a saudade não mandaste. Um dia, olhando tua foto, o seu coração estremeceu e parou. Voltas não por amor, mas por necessidade, preferiste o mundo, então, dá meia volta e siga para o mundo com tua devassa.

Caímos de corpo e alma, choramos muito, numa dor incontida em nosso seio.

Voltamos para as ruas, era o único lugar que havia, vagamos sem destino como um verdadeiro casal de cães. O sofrimento fez-me esquecer todos os ensinamentos da eremita.

— Voltamos a beber? — perguntou Limia.

— É só o que nos resta! Beber! Beber muito — Respondi. — Tudo acaba no seio da terra, os sonhos se dissipam como a fumaça dos cigarros.

Vivíamos ébrios. Num dos poucos momentos de lucidez, falou Limia numa rua qualquer.

— Não passas de um profeta decaído! Foste firme enquanto a vida não te provou de verdade, enquanto tua vida era apenas a teoria dos livros, a segurança de uma ermida, a proteção de uma eremita que vias como mãe e alguns exercícios de contemplação. Pensavas que já era um iluminado, mas na primeira prova da vida tu caíste. Não passas de uma alma fraca.

O Poeta e o Profeta

Naquela praça, quando o Profeta estava para concluir todo o seu drama, o Poeta não segurou a sua ansiedade e perguntou:

— Profeta, diga-me, o que aconteceu com a tua amada Limia?

— És doido? Tens que parar com esta mania de interromper quando estou falando, ainda não cheguei ao final.

— Perdoa-me, mas se peregrinas sozinho no mundo, é que algo aconteceu com ela.

— Ouça! A vi pela última vez numa noite, foi quando um sujeito se aproximou dela. Um rapaz de roupas brancas apareceu e a primeira coisa que fez, foi pegar a garrafa das mãos dela e jogar no lixo. Depois, enxugou o seu rosto com um lenço. Ela encostou o rosto no ombro dele e ficaram assim, conversaram a madrugada inteira, em seguida, ele pegou na sua mão e entraram num automóvel vermelho, seguiram em direção a uma ponte. Esperei muitos dias pelo seu retorno, mas sempre o que encontrava era o vazio. Chorei muito a sua falta, porém, ela nunca mais apareceu

— Sentiste ciúmes?

— Sim! Mas pressentia que o nome dela não estava marcado em meu destino. Ao observá-los, tentei ver os sinais: aqueles olhares que se cruzaram, os gestos de amor do sujeito, o cuidado dele para com ela jogando a garrafa no lixo, o sentimento de proteção que ela sentia. Por tudo isto, cheguei à conclusão de que aquele sujeito era verdadeiramente a sua alma gêmea. Quanto a mim, foi um deslize, ora um desejo carnal confundido com amor espiritual, ora uma piedade espiritual confundida com amor carnal. Hoje eu tenho a consciência de que nunca a amei como um homem e sim como um irmão. Desde então, vago pelo mundo de cidade em cidade, até que me encontro contigo neste final de mundo.

O Poeta e o Profeta

VI. Os caminhos

Um sutilíssimo clarão no céu era o prenúncio de que aquela praça, em breve seria iluminada pelo sol. O Poeta olhou para alguns cães famintos que dormiam em volta deles:

— Durmam! Tenham sonhos de paz, minhas crianças. Um dia dormirei com esta mesma paz.

— Que ideia insana — falou o Profeta com certa ironia. — Teu cérebro inflamado de poeta agora fala com cães?

— Vejo-te bem um profeta decaído! Nem os sinais, nem visões, nem mesmo os sofrimentos dobaram tua alma bruta e insensível. É triste que não compreendas uma só palavra da alma de um poeta com os cães da noite. Ainda não assimilaste a essência do amor.

Contudo, o Profeta estava arrependido, amava os animaizinhos, a natureza inteira, as fadas... Se foi um profeta, se pediu para Deus os dons e Ele permitiu abrir as fendas do céu, não foi para encostar as costas de ébrio nas calçadas geladas, foi para que as provas o levassem em direção à verdadeira luz.

Desde o início do encontro, o Poeta observava alheio aquele estranho ritual do Profeta com as pedras de ametista, somente no final daquela madrugada é que decidiu esclarecer a sua dúvida.

— Descobriste o emblema das ametistas?

— Meus próprios dramas me disseram, as ametistas dizem o estado do meu espírito. Veja como já estão trincadas, alquebradas, opacas por tantas batidas.

— Sim, vejo que por fora são pedras sem brilho, — falou o Poeta ao fitá-las novamente. — Estão machucadas, sem valor, mas por dentro há um cristal belíssimo intacto. O estrago está só por fora.

O Poeta e o Profeta

— É dolorido, é triste! É um fato que requer muita reflexão: são as lágrimas mais amargas, as quedas mais doloridas, os espinhos mais profundos... Se para cada falha eu bato uma na outra, isto significa que meu espírito sente os efeitos dos pecados e também fica machucado. Estas pedras mostram no plano visível o estado do meu espírito invisível.

O Poeta abriu seu coração vendo as pedras moribundas do amigo, suas poesias também refletiam o seu próprio espírito, ora eram letras manchadas, ora letras brilhantes. Ajoelhou—se junto aos cães da madrugada:

— Consolem-nos. Que valem os clames das dores e o álcool? Assim como eu, vocês vivem o abandono, mas, além do abandono, eu choro por Grace. Como os grotescos granizos atirados das nuvens negras, as lágrimas pesadas machucam como pedras o meu coração.

O Poeta voltou seus olhos para o amigo Profeta, continuando a perguntar sobre as ametistas:

— Bateste muito por causa de tuas falhas. Alguma vez roçaste as ametistas?

— Quando parti da ermida, praticava muitas virtudes, todas as noites minha consciência permitia que as roçasse, até que elas estavam bem polidas, arredondadas, cintilavam ao brilho do sol e da lua. Ah! Se tu soubesses como naquele tempo meu espírito era brilhante...

— É muito triste ver decaído, um homem que esteve perto da luz! — o Poeta estava impressionado.

— Poeta, Poeta! É imprescindível que aprendamos juntos: nem mesmo um mestre, jamais pode se descuidar, nem por um dia, não se deve abandonar a vigilância e a oração. Lembra-te das palavras do Mestre, orai e vigiai?

— Lembro. Infelizmente, são palavras esquecidas — respondeu o Poeta.

O Poeta e o Profeta

— Cada dia é um conjunto de novas provas, o problema é que num destes dias, podem aparecer provas tão terríveis a ponto de desmontar um mestre distraído. Analisa a invigilância de Judas Iscariotes, o discípulo amado pelo Mestre Jesus, ouviu os mais puros ensinamentos, mas deixou sua alma impregnada pela ganância, findou-se numa árvore vergada ao peso dos seus pecados.

— Será que ele teve ou terá alguma chance de regeneração?

— É uma questão de Justiça Divina, meu caro Poeta! É algo que a humanidade ainda não está preparada para entender. A única coisa que eu posso dizer, é que Deus sempre sabe como recuperar os seus filhos através das vidas e da lei de causa e efeito.

Os caminhos estavam diante deles, abertos e livres para receber o primeiro passo. Se as pernas estavam livres, ainda esfriava os últimos mormaços do jogo de imaginação excitada pelo álcool. A coragem, aos poucos, começava a surgir naqueles homens quase mortos em vida.

— Escolherás qual caminho, Poeta?

— O da alma e do coração. Diz-me se na saudade amarga daquela amada das águas, se na ironia do túmulo que derreteu sua beleza, está um sinal de qual caminho devo seguir.

— A ponte é perigosa, requer decisão firme, num só vacilo as águas convidam um fraco para o suicídio — o Profeta estava preocupado com a hipótese de o Poeta querer ver Grace de qualquer jeito.

— Assim como se cobre um corpo de água e depois de flores num caixão, por que não cobrir as dores das ilusões da vida? A morte é uma porta cuja chave só Deus entende, porque só Ele conhece todos os mundos espirituais que existem.

O Poeta e o Profeta

Aquele momento era tenso para o Profeta, já havia decidido qual o caminho a seguir, mas não tinha coragem de dar o primeiro passo. A partida significava deixar para sempre aquele amigo e o coração sentia que ele precisava de ajuda.

— Ela me ama no céu — falou o Poeta ao se levantar. — Que Deus perdoe a leviandade por aquela virgem e santa que me leva ao suicídio. Oh! Quero vê-la ainda! Minha vida é sem sentido desde que se apagou a luz dos meus dias. Só a lembrança dela está iluminada.

O sol, enfim, apareceu tímido no horizonte, mostrando sua coroa de fogo, os pássaros cantavam alegres na solene harmonia da manhã. Os corpos estavam umedecidos e as folhas reluziam pelas gotículas de orvalho.

Pobres! Eram na verdade dois decaídos: Um Profeta e um Poeta.

Mesmo o peito do Poeta estando cheio de desejos e de morte, ainda assim o medo impedia uma tomada de decisão.

— Amigo Profeta, conversamos toda a noite, estou exausto! Tens o livre arbítrio, escolhe teu caminho e segue, deixa-me sozinho, quero antes dormir.

O Profeta pegou as duas garrafas e atirou-as dentro de um lixo, foi como um ritual de libertação das tantas quedas. Estava decidido a mudar:

— Assim como eu atiro estas garrafas no lixo, que levem junto todos os fracassos, todas as dores, medos... tudo que ocultou o brilho do meu espírito e do espírito do Poeta.

O caminho da direita era onde se encontrariam novamente os sinais para a luz espiritual. Qualquer buscador que desejar seguir por este caminho, deve se preparar para ser receptivo. É um caminho aberto para os decaídos de qualquer espécie, até mesmo, os piores.

O Poeta e o Profeta

— Talvez seja uma fraqueza o suicídio — declarou o Poeta quando se preparava para dormir. — Talvez seja um crime a um pobre coração que ama, sacrificar a própria vida. Penso em morrer, mas o medo me gela! Como é doloroso morrer!

O Profeta não encontrava nenhuma palavra que pudesse acalmar aquela alma de poeta. Depois que o Poeta chorou muito, entre soluços continuou:

— Minhas veias parecem queimar e meu crânio está inundado de saudade. A cabeça me dói demais: às vezes parece-me que a minha vista se escurece e o mundo inteiro desaparece, meu coração bate apertado dentro de uma caixa apertada. Oh! Como é difícil morrer!

— Tens o livre arbítrio, meu caro! Se queres um conselho, siga pelo caminho da direita.

— É assim na vida! Enquanto a filosofia fala sobre o livre arbítrio, a maioria das pessoas fazem coisas sem querer e sem pensar. Agem pelo instinto como puros animais, então, qual o motivo do livre arbítrio?

— Poeta, pensa muito, porém pensa bem! Queres realmente a morte ou estás confuso pela dor? Pensa! Quem te garante que depois do suicídio, terás a oportunidade de reencontrar Grace? Lembra-te da Justiça Divina?

— Falaste dela como uma parábola, esclarece melhor!

— Se praticares um crime contra teu corpo, serás devedor no mundo dos espíritos. Assim como na terra um criminoso não fica junto dos seres livres, no plano espiritual não ficarás livre para se reencontrar com Grace: tenha certeza disso! Para poder morrer com dignidade, antes é preciso saber viver com dignidade.

Vendo que o amigo Poeta estava dormindo, irou-se:

— Pobre alma, espero que tenha dado tempo de ouvir minhas palavras.

O Poeta e o Profeta

O Profeta não teve coragem de abandoná-lo, deitou-se ao lado dele esperando que acordasse, exausto, em poucos minutos dormiu também.

Por volta do meio-dia, a fome fazia arder as entranhas, o Profeta saiu em busca de algum alimento, retornou com algumas bananas e laranjas coletadas das sobras de um supermercado.

— Comamos, Poeta! Fomos como umas crianças, ainda não conhecemos a vida e já reconhecemos o cheiro do pó, a umidade da lama e o sabor das dores. A vida é dura, a única chance de enxergarmos a luz das estrelas é erguermos nossos olhos para o alto.

Alimentaram-se como há muito tempo não se alimentavam, saciaram a fome do corpo, os seus espíritos ainda estavam famintos. O Poeta apontou para o caminho da esquerda e falou ao Profeta.

— Andaste pela esquerda, onde conhecestes o covil dos vícios! Pende ainda teu corpo para a devassidão? Quem te disse que o desejo lascivo se confunde com amor? É uma fome impura do corpo. Vai-te, ao teu caminho.

— Vícios são mundanos, para falar mais claro: decaí como tu decaístes nos teus delírios de amor. Não é o hábito que faz o monge, não são apenas as orações que fazem um santo, não são apenas as poesias que fazem um poeta. Para tudo ser verdadeiro, tem que brotar da alma, tem que ser sentido.

O Profeta queria seguir, não queria esperar que a tarde chegasse, estendeu a mão para levantar o Poeta e lhe deu um forte abraço:

— O álcool enganava as dores, mas nunca conseguiu saciar nossas fomes e sedes, depois do álcool vêm ainda mais forte as fomes e sedes. O álcool transforma um monge num devasso, um gênio num lunático, um mendigo num rei, é a decadência dos contrários. Meu caminho está escolhido e verás

O Poeta e o Profeta

na minha partida. Fica um pouco mais a pensar, tens livre arbítrio, a decisão é tua, porém, não se esqueça: serás responsável pelas tuas escolhas.

O Profeta pegou sua mala velha onde estavam suas poucas roupas, alguns livros, desapareceu pelo caminho da direita.

Depois de muitas horas em busca de sinais para uma nova oportunidade de se encontrar com algum mestre, olha para trás, entristecido, lembrando o Poeta.

“Qual o seu fim? Que caminho escolheu?” Sua alma estava tão angustiada que os sinais eram totalmente confusos. Nem os ventos, nem o sol, nem a lua, não identificavam qualquer sinal do invisível.

Numa tarde, já cansado por subir uma colina, sentou-se nas alturas para contemplar um pouco a natureza. Voltou seus olhos em direção à antiga praça. Embora ela já tivesse desaparecido no horizonte, avistou um vulto ao longe.

O Profeta achava que não havia nenhum sinal, mas eles estavam presentes o tempo inteiro no coração: ao longe, conseguiu identificar claramente o amigo Poeta que também vinha pelo caminho da direita. Ele vinha em busca da luz.

— Poeta! Poeta! Sigamos para a luz. Eis que te espero...
— o Profeta gritou feliz, mas, ao tentar voltar ao seu encontro, ele simplesmente desapareceu entre as montanhas.

O Poeta e o Profeta fizeram suas escolhas. Cada um seguiu o seu próprio caminho para a luz, porque existem muitos caminhos que levam para a luz e muitos que levam para as trevas.

Fim